



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
FACULDADE DE DIREITO  
CURSO DE GRADUAÇÃO EM DIREITO

A PROFISSIONALIZAÇÃO DA ATLETA MULHER NO UNIVERSO DO FUTEBOL  
MASCULINO: UMA OPORTUNIDADE SEM RESTRIÇÕES LEGAIS.

Gabriela de Paula Pinto  
09/0045998

Brasília – DF  
Dezembro, 2013.

Gabriela de Paula Pinto

A PROFISSIONALIZAÇÃO DA ATLETA MULHER NO UNIVERSO DO FUTEBOL  
MASCULINO: UMA OPORTUNIDADE SEM RESTRIÇÕES LEGAIS

Monografia apresentada como requisito parcial para  
a obtenção do grau de Bacharel em Direito pela  
Faculdade de Direito da Universidade de Brasília.

Orientador: Prof. Mestre Francisco Schertel Ferreira Mendes

Brasília – DF  
Dezembro, 2013

Gabriela de Paula Pinto

A PROFISSIONALIZAÇÃO DA ATLETA MULHER NO UNIVERSO DO FUTEBOL  
MASCULINO: UMA OPORTUNIDADE SEM RESTRIÇÕES LEGAIS

Monografia aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em  
Direito pela Faculdade de Direito da Universidade de Brasília, pela banca  
examinadora composta por:

---

Francisco Schertel Ferreira Mendes  
Prof. Mestre e Orientador

---

Lucas Daniel Chaves de Freitas  
Mestre e Examinador

---

Talitha Selvati Nobre Mendonça  
Aluna do Programa de Mestrado em Direito – Mestrado e Examinadora.

## **Agradecimentos**

À minha incrível família Buscapé.

Aos meus pais, por nunca terem desistido de me ajudar a lutar pelo meu sonho e por nunca terem me privado da minha paixão pelo futebol, que resultou neste trabalho. Pelas horas de carinho quando eu mais precisei e por toda a atenção que me foi dada. Por todas as broncas e castigos, que fizeram formar meu caráter. Por todo o apoio quando jogava bola com meus primos, e fazia gols que os deixava com raiva. Amo vocês com todas as minhas forças.

Aos meus irmãos, Vicente e Nelma, com os quais aprendi que a distância não faz a menor diferença, o amor é o que nos une. E podem ter a certeza que o amor que tenho por vocês faz com que estejam sempre coladinhos comigo. Obrigada pela força e pela confiança.

À minha vó, que por ser única é muito mais que especial. Te amo vó.

Aos meus tios.

Tia Béia, que com suas ideias mirabolantes nos levava a um mundo de fantasias só nosso, e deixava que expressássemos nossas particularidades naquele enorme terreno conhecido por “Sítio Cascata da Tia Béia”. Obrigada pelos anos de aventura.

À Tia Rita e ao Tio Jajá, por terem me dado a chance de cuidar do seu bem mais precioso, e fizesse com que eu nutrisse um carinho e um amor muito maior pelo ser humano. Aliás, agradeço muito mais à Tia Rita, pois graças a ela sobrevivemos às loucuras da infância no Sítio. Obrigada por nos fazer tomar banho e escovar os dentes.

À minha Dinda, que se fez presente na maior parte da minha vida, e me ensinou que é com amor e determinação que podemos vencer. Ensinou-me, ainda, que devemos ter muito cuidado para que os sonhos não sejam grandes demais, a ponto de torná-los pesadelos.

Ao Tio João e Tia Su, que com simplicidade e carinho sempre faziam com que o ambiente fosse o mais agradável possível. E que sempre tinham palavras de fé para confortar os coraçõezinhos.

À Tia Ligia, Tio Edu, Xande, Renata e Júlia, que são a família mais próxima fisicamente e que estão presentes em todas as horas e sempre que precisamos. Obrigada!

À Lucia, que cuidava de mim e do meu irmão em nossa tenra idade, e que fazia os melhores bolos de laranja e de banana da face da terra.

Aos meus primos, Cacá, Lilo, Bê, Lú, Henrique, Hugo, Gui, Jojô, Mathias, LP, Guitelho e Zeca, que fizeram parte da minha infância e voavam alto comigo nos sonhos e aventuras. Desfrutavam dos dias de futebol na chuva, futebol no sol, futebol na lama, na terra, na piscina e em qualquer lugar ou hora. Meu mais sincero obrigada a todos vocês.

Aos meus primos mais velhos, Lipe, Guga, Jujú, Peto, Dani, que sempre estiveram presentes, aturando a criançada, e que, por muitas vezes, foram espelhos em quem nos espelhamos para o futuro.

Às minhas amigas, Taty e Vevê, que me acompanham desde a época de colégio e nunca discriminaram o fato de eu ser completamente alucinada com futebol. Pelas noites de pipoca e brigadeiro, e pela viagem sensacional que fizemos juntas e que nunca sai do meu coração.

Às amigas das antigas, Fernanda, Monique, Jujú, Paloma, Gabi, Amanda, que cresceram ao meu lado, fizeram parte da minha história e que nunca, jamais, serão esquecidas. Amo cada uma como se nunca tivéssemos ficado longe.

Aos amigos da faculdade, Fátima, Gabi e Stênio, que fizeram parte de todo o trajeto da UnB e sempre estavam lá pra enxugar minhas lágrimas, compartilhar sorrisos e conseguiram deixar minha graduação mais animada. À Carol, que não só subiu ao ranking de Melhor Amiga, como, por muitas vezes fez papel de mãe, marida e, confidente, e fez com que eu conseguisse chegar ao fim de mais

uma etapa. Amiga, você merece todo o agradecimento do mundo por ter pegado no meu pé pra que eu não desistisse. Te amo demais!

Aos meus afilhados, Carol, João, Almir, Sarah e Sullivan, que mostram que nada melhor que o amor e o sorriso de uma criança para melhorar o mundo. Ao sobrinho, Jack, que veio ao mundo trazer mais alegrias e sorrisos a todos ao seu redor. Amo minhas crianças.

Ao colégio Centro Educacional Margarida, em Araruama, e ao Colégio Militar de Brasília, que conduziram meu caminho pelas tortuosas sendas do desconhecido e fizeram com que eu pudesse alcançar o mérito de Bacharela em Direito.

Ao meu orientador, Francisco Schertel, que com suas dicas e esclarecimentos fez com que a monografia andasse e tivesse forma. Afinal, um tema tão inovador jamais sairia do mundo das ideias se não houvesse alguém com capacidade suficiente para conduzir à sua existência. Meu mais sincero obrigada!

À equipe de futsal feminino da UnB, que fez parte da minha vida acadêmica e foi um dos grandes motivos do meu empenho na faculdade. Com as meninas da equipe aprendi a parceria, o apoio, a cumplicidade e a perseverança. Agradeço, principalmente, à Priscilla Ciodaro, que com sua amizade verdadeira, sempre me deu muito apoio e conselhos, e com quem partilhava as toscas comemorações de gol (tipo a dança do pombo). Obrigada meninas!

A todos os amigos do meio militar, Tia Fátima, Tio Nazareth, Tia Valéria, Tio Caetano, Tia Cris, Tio Leite (luto eterno), Thaíssa, Luana, Tainah, Thiago e todos os outros que estiveram presentes durante a minha vida inteira. Cada um de vocês é especial e merece ser lembrado. Principalmente vocês, Luana e Thaíssa, que são duas das maiores amigas que tenho, e a quem tenho muito carinho e admiração. Muito obrigada!

Ao Passarinho (Eduardo Leite) e ao Kaique, que deixaram o posto de amigos e assumiram um muito mais importante, o posto de irmãos que Deus permite escolher. Muito obrigada meninos, por simplesmente existirem.

À família do meu namorado, Reem, Rana, Seham, Rabih e Tony, por terem me acolhido e terem me deixado fazer parte da vida de vocês.

E por último, mas não menos importante, ao George, meu namorado, confidente, melhor amigo, companheiro e verdadeiro amor. Obrigada por estar lá, mesmo quando eu achava que você não estaria. Obrigada por me aturar nesses meses de tensão que eu vivi. Obrigada por, simplesmente, me amar quando eu mais precisava, por todo o carinho e todas as palavras reconfortantes. Te amo muito!!!

*“É pelo trabalho que a mulher vem diminuindo a distância que a separava do homem; somente o trabalho pode garantir a ela uma independência completa”*

Simone de Beauvoir – O segundo sexo.



## RESUMO

Esse trabalho tratou de trazer a tona uma situação extremamente crítica de desigualdade de oportunidades na sociedade brasileira. Enquanto homens podem se profissionalizar e ter a chance de viver o “sonho de todo menino” de se tornar um jogador de futebol e ganhar para fazer aquilo que ama fazer, muitas meninas tem de abandonar o sonho, sem sequer ter tido a chance de mostrar seu talento. A demonstração dessa desigualdade partiu de uma evolução histórica da participação da mulher no mercado de trabalho, nos esportes e, especificamente, no futebol, tendo como pano de fundo a legislação que restringiu ou atribuiu direitos femininos.

**Palavras-chave:** Futebol. Feminino. Discriminação. Profissionalização.

## **ABSTRACT**

This work tried to bring out an extremely critical situation of unequal opportunities in Brazilian society. While men can become more professional and have the chance to live the "dream of every boy" to become a football player and earn for doing what they loves to do, many girls must abandon the dream, without even having the chance to show their talent. The proof of this inequality left a historical evolution of women's participation in the labor market, in sports and specifically football, with the backdrop of the law restricting women's rights or assigned.

**Keywords:** Football. Female. Discrimination. Professionalization.

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	P. 9
CAPÍTULO I	
Uma luta histórica pela igualdade de gênero .....	P. 11
CAPÍTULO II	
Futebol masculino e feminino: desenvolvimento comparado .....	P. 22
CAPÍTULO III	
Futebol misto. Uma chance para a profissionalização feminina. .....	P. 37
1 – Habilidade e Técnica. Os principais instrumentos do futebol.	P. 38
2 – Casos reais que demonstram a possibilidade de homens e mulheres jogarem juntos.....	P. 43
2.1 – Caso Bruna Oliveira – Globo Esporte.....	P. 44
2.2 – Caso Thais Helena Prioli – Folha de São Paulo.....	P. 46
2.3 – Caso Maurine e as meninas da seleção.....	P. 49
2.4 – O drama do fim das Sereias da Vila.....	P. 50
3 – A legislação brasileira e Internacional como fundamentos para o futebol misto.....	P. 51
3.1 – A Constituição Federal, de 1988.....	P. 51
3.2 – Convenção nº 111 da organização Internacional do Trabalho (OIT).....	P. 53
3.3 – Lei 9.029, de 1995.....	P. 54
3.4 – Lei 9.615, de 1998. Lei Pelé.....	P. 54
3.5 – FIFA – Regulamento do futebol.....	P. 55
3.6 – CBF – Regulamento do futebol.....	P. 56
3.7 – Word Conference on Women and Sport – IWG (Conferência Mundial Sobre a Mulher e o Esporte).....	P. 57
CONCLUSÃO.....	P. 60
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	P. 64

## INTRODUÇÃO

Quando escolhi o tema “A Profissionalização da Atleta Mulher no Universo do Futebol Masculino: uma oportunidade sem restrições legais”, fui motivada por, primeiramente, unir dois assuntos que gosto muito, direito e futebol, e, ao mesmo tempo, responder uma questão que me intriga: porque as mulheres não tem as mesmas oportunidades que os homens no futebol?

Na verdade, trata-se de uma pergunta que pode ser dividida em muitas outras. A primeira dela é óbvia: Há impedimentos legais?

De pronto decidi que poderia incluir no título a complementação “sem restrições legais”, pois, por tudo que aprendi durante o curso, a determinação da nossa Lei Maior de que homens e mulheres tem direitos e deveres iguais perante a lei, não pode ser contrariada. Entretanto, há que se responder a questão “Há impedimentos provenientes da falta ou inadequação da legislação infraconstitucional?”.

As outras questões são: qual o motivo dessa discriminação? Quando e porque ela atingiu o esporte? Será que é possível homens e mulheres jogarem juntos?

Assim, essas questões foram meu guia para montar a estrutura desse trabalho que foi construído em três capítulos. O primeiro, com o título de “Uma luta Histórica pela Igualdade de Gêneros” acabou se tornando uma evolução da discriminação da mulher na sociedade e nos esportes de uma maneira geral.

O Capítulo 2, que acabou recebendo o título de “Futebol Masculino e Feminino: Desenvolvimento Comparado”, consolida o mesmo tipo de informação do primeiro capítulo, só que trazendo o enfoque para o futebol em si.

O Capítulo 3 – “Futebol Misto: Uma Chance para a Profissionalização, Feminina” sai da questão histórica evolutiva e traz a discussão para a atualidade,

consolidando informações obtidas sobre o espaço que as mulheres já conquistaram no futebol e casos concretos de problemas de inserção das mulheres neste mercado de trabalho.

A questão da legislação, é claro, permeia todos os capítulos, surgindo como pano de fundo. Nos momentos históricos, mencionada quando agente de mudanças. Na atualidade, apresentada como legislação infraconstitucional vigente e questionada se é empecilho para o desenvolvimento da mulher no futebol brasileiro.

A metodologia utilizada neste trabalho foi a pesquisa em artigos científicos, teses disponíveis no sistema CAPES e algumas reportagens a cerca do futebol feminino. Para o futebol feminino foi necessário utilizar diversas fontes informais, uma vez que são raros os documentos históricos sobre o desenvolvimento do esporte feminino, principalmente quando se fala em futebol.

## CAPÍTULO I - UMA LUTA HISTÓRICA PELA IGUALDADE DE GÊNEROS

Nossa sociedade, ainda hoje, é permeada pelo conceito da superioridade masculina. Qual a origem disso? As arqueólogas da Universidade Federal de Pernambuco, Anne-Marie Pessis e Gabriela Martín, em seu artigo “Das Origens da Desigualdade de Gênero”, abordam a questão da seguinte forma:

“Sobre as origens da desigualdade de gênero que, em resumo, reduz-se a tentar demonstrar a superioridade física e mental dos homens sobre as mulheres, são diversas as explicações que foram propostas no decorrer da história humana e que procuraram fornecer subsídios que as justifiquem. As posições sustentadas se radicalizam em torno de dois tipos de explicação. Teorias de cunho biológico se opõem àquelas que explicam a desigualdade de gênero apenas como um fenômeno cultural. As primeiras defendem um determinismo biológico originado no dimorfismo sexual e nas especificidades de gênero na função reprodutiva da espécie. Essa especialização de gênero estaria acompanhada, na mulher, por um desenvolvimento da racionalidade inferior ao do homem, em benefício de uma maior afetividade que condicionaria seu comportamento a padrões desiguais e inferiores aos dos homens. Configuraria um quadro de inferioridade e irracionalidade na mulher, que a incapacitaria para tomar decisões de importância, mas que a tornaria apta para desenvolver atividades simples, sem maiores responsabilidades. Nessa perspectiva a mulher não teria condições de tomar decisões sobre sobrevivência, fato que a tornaria dependente do outro gênero.”<sup>1</sup>

Assim, a divisão de tarefas entre homens e mulheres encontra-se perdida no tempo, mas, a originalmente importante tarefa feminina de proteger e cuidar das crianças (sobrevivência da espécie), foi desvirtuada e inserida nas raízes de nossa sociedade como fraqueza e destituída do conceito de ser “trabalho” (reparem: o homem trabalha; a mulher só trabalha quando é “fora”; a mulher que se dedica a trabalhos domésticos não é trabalhadora: é “do lar”). Assim, nossa civilização foi criada com o homem possuindo a competência básica de proteger e prover a família e a civilização em si, enquanto às mulheres, mais fracas e menos racionais, foi atribuída a competência da reprodução, dos afazeres domésticos e da educação dos filhos. As já citadas autoras, Pessis e Martín, no mesmo artigo, fazem ainda uma interessante abordagem sobre a evolução da nossa sociedade:

---

<sup>1</sup> PESSIS, Anne-Marie; MARTÍN, Gabriela. Marcadas a Ferro – violência contra a Mulher – uma visão multidisciplinar. artigo da pag. 17

“Garantir a manutenção e continuidade do grupo humano foi se tornando tarefa de mulher e em torno a essas necessidades foram se aprimorando procedimentos técnicos para seu melhor desempenho. Os homens se especializaram na defesa do grupo e em torno dessa atividade desenvolver-se-á uma diversificada inovação técnica de guerra.[...]

Nesse contexto, na nova organização social estruturada em torno do trabalho, ambos os gêneros trabalharão, mas a mulher acumulará as responsabilidades da maternidade produtora de filhos como riqueza e as do trabalho agrícola junto com os homens. Assim como os homens garantiam a preservação do grupo, com a formação de sociedades mais complexas, eles assumirão a responsabilidade da defesa do território, do alimento e da riqueza. [...]

Nesse processo, a inovação técnica irá formando um acervo de conhecimentos destinados ao homem, ao qual as mulheres não terão acesso. A apropriação masculina do conhecimento será solidariamente defendida por eles. Esse estereótipo de exclusão feminina do conhecimento constituirá uma estrutura conservadora, em torno da qual se organizará a maior parte das sociedades históricas”<sup>2</sup>

Consagrou-se, assim, uma sociedade patriarcal, onde o titular do poder nas famílias é o homem mais velho. Entretanto, as sociedades são históricas e mudam, tanto conforme o padrão do desenvolvimento produtivo, quanto dos valores e das normas.

Com o advento da revolução industrial e do capitalismo, verificou-se lucrativo empregar mulheres em fábricas, especialmente do setor têxtil, pois se tratava de uma mão de obra, além de disponível, mais barata em função de sua pretensa “inferioridade” frente ao homem. Sobre a inserção da mulher no mercado de trabalho, o artigo de Grazielle Alves Amaral, psicóloga e mestre em Administração, resume muito bem tal conjuntura:

“O ingresso das mulheres no mercado de trabalho se deu de forma intensa a partir da Revolução Industrial, quando a necessidade de complementação da renda familiar fez com que elas fossem introduzidas no mercado de trabalho de maneira forçada, sendo obrigadas a desempenhar tarefas penosas e mal remuneradas (Girão, 2001).

A utilização lucrativa da mão-de-obra feminina passou a chamar a atenção, principalmente no setor têxtil, muito lucrativo, no início do século XIX, quando o trabalho feminino era visto como provisório, complementar e subalterno, e o capital utilizava-se disso para abaixar os custos com salários e para substituir os operários demitidos em épocas de crise (Paoli, 1985). Assim, é possível perceber, no início do processo de participação feminina

---

<sup>2</sup> PESSIS, Anne-Marie; MARTÍN, Gabriela. Marcadas a Ferro – violência contra a Mulher – uma visão multidisciplinar. artigo pgs. 21 e 22

no mercado de trabalho, que cabiam às mulheres os trabalhos subalternos e, aos homens, os cargos de poder (Corrêa, 2004)”<sup>3</sup>

O primeiro passo para o abalo da sociedade patriarcal foi na Primeira Guerra Mundial, quando um grande contingente de homens teve que ir ao campo de batalha e as mulheres tiveram de assumir um pouco do poder familiar, passando a trabalhar, também, fora de casa, para garantir o sustento das famílias.

Com a Segunda Guerra Mundial, as mulheres passaram a exercer ainda mais papéis perante a sociedade laborativa, pois novamente a grande maioria dos homens foi aos campos de batalha para lutar por suas nações.

Essas guerras tiveram o terrível efeito de reduzir o contingente masculino da população ativa mundial, tanto por morte, quanto por incapacitação física. Isso deixou mulheres e crianças desamparadas. Então, para garantir o sustento das famílias, as mulheres passaram a exercer duplas jornadas de trabalho, cuidando e ensinando os filhos em casa e trabalhando em fábricas, para proporcionar o sustento das nações e de suas próprias famílias.

“Isso começou de fato com as I e II Guerras Mundiais (1914 – 1918 e 1939 – 1945, respectivamente), quando os homens iam para as frentes de batalha e as mulheres passavam a assumir os negócios da família e a posição dos homens no mercado de trabalho.[...]”

Mesmo com essa conquista, algumas formas de exploração perduraram durante muito tempo. Jornadas entre 14 e 18 horas e diferenças salariais acentuadas eram comuns. A justificativa desse ato estava centrada no fato de o homem trabalhar e sustentar a mulher. Desse modo, não havia necessidade de a mulher ganhar um salário equivalente ou superior ao do homem”.<sup>4</sup>

Entretanto, as condições de trabalho da mulher eram muito ruins e não existia qualquer intervenção do Estado nas relações jurídicas de trabalho:

“por ocasião da Revolução Industrial do século XVIII, o trabalho feminino foi aproveitado em larga escala, a ponto de ser preterida a mão-de-obra masculina. Os menores salários pagos à mulher constituíam a causa maior que determinava essa preferência pelo elemento feminino. O Estado, não intervindo nas relações jurídicas de trabalho, permitia, com a sua omissão, toda sorte de explorações. Nenhuma limitação da jornada de trabalho,

<sup>3</sup> AMARAL, Grazielle Alves. Os desafios da Inserção da Mulher no Mercado de Trabalho. Revista Itinerarius Reflectiones. UFG. vol.2 . n. 15. 2012.

<sup>4</sup> PROBST, Elisiana Renata. A evolução da mulher no mercado de trabalho. ICGP. Pg. 2. Disponível em <http://www.posuniasselvi.com.br/artigos/rev02-05.pdf>.



idênticas exigências dos empregadores quanto às mulheres e homens, indistintamente, insensibilidade diante da maternidade e dos problemas que pode acarretar à mulher, quer quanto às condições pessoais, quer quanto às responsabilidades de amamentação e cuidados dos filhos em idade de amamentação etc. O processo industrial criou um problema que não era conhecido quando a mulher em épocas remotas dedicava-se aos trabalhos de natureza familiar e de índole doméstica. A indústria tirou a mulher do lar por 14, 15 ou 16 horas diárias, expondo-a a uma atividade profissional em ambientes insalubres e cumprindo obrigações muitas vezes superiores às suas possibilidades físicas”<sup>5</sup>.

Além das condições de trabalho serem ruins, a diferença de tratamento entre os gêneros era muito grande. Foi na sequência desse período que começaram a surgir movimentos de mulheres reivindicando igualdade de direitos trabalhistas, como salário e jornada, e direito ao voto nas democracias. Assim, essa desigualdade promoveu o início do movimento conhecido como “Feminismo”:

“Na vasta gama de discriminações que existem entre os seres humanos, uma das mais antigas é a sofrida pelas mulheres. Desde o século XVIII diversos movimentos se propõem a modificar esse estado de coisas. Feminismo é o movimento social que defende igualdade de direitos e status entre homens e mulheres, que devem ter garantida liberdade de decisão sobre suas próprias carreiras e padrões de vida.”<sup>6</sup>

Em 1949, Simone de Beauvoir, escritora francesa, publicou o livro “O Segundo Sexo”, que no Brasil foi editado em dois volumes: I – Fatos e mitos e II – A Experiência Vivida. Esta obra tornou-se referência para o movimento feminista. É muito interessante a percepção desta autora ao reconhecer que os argumentos feministas e machistas tornaram-se uma querela, e que, “muitas vezes, a preocupação polêmica tira-lhes todo o valor”:

“O que se procurou infatigavelmente provar foi que a mulher é superior, inferior ou igual ao homem. Criada depois de Adão, é evidentemente um ser secundário, dizem uns; ao contrário, dizem outros, Adão era apenas um esboço e Deus alcançou a perfeição do ser humano quando criou Eva; seu cérebro é o menor, mas é relativamente o maior; e se Cristo se fez homem foi possivelmente por humildade. Cada argumento sugere imediatamente seu contrário e não raro ambos são falhos... Se quisermos ver com clareza devemos sair desses trilhos; precisamos recusar as noções vagas de superioridade, inferioridade, igualdade que desvirtuam todas as discussões e reiniciar do começo.”<sup>7</sup>

O século XX foi marcado pela luta pelos direitos femininos, cujas reivindicações não se limitavam apenas ao âmbito de uma nação, constituindo um

<sup>5</sup>NASCIMENTO, Amauri Mascaro. Curso de Direito do Trabalho: história e teoria geral do direito: relações individuais e coletivas do trabalho. São Paulo: Saraiva, 2003, 18 ed. rev. e atual. p. 857-858.

<sup>6</sup> Nova Enciclopédia Barsa, 1999 – Vol6 – pág. 222

<sup>7</sup> BEAUVOIR, Simone. O segundo sexo – Verdades e Mitos. pág. 21

movimento de nível mundial, o que levou a uma série de convenções, pactos e acordos internacionais.

Para uma melhor visualização da evolução do pensamento mundial sobre a luta pela igualdade de gênero, relaciono, a seguir, em ordem cronológica, os principais documentos internacionais relativos ao assunto (Observatório Brasil da Igualdade de Gênero<sup>8</sup>), comentando apenas aqueles que considero mais relevantes para o tema que desenvolvo:

1 - (1945) Carta das Nações Unidas - Este é considerado extremamente importante para a Consolidação dos Direitos Humanos. Destaco, em seu preâmbulo, a resolução dos povos de “reafirmar a fé nos direitos fundamentais do homem, na dignidade e no valor da pessoa humana, **na igualdade de direitos de homens e mulheres das nações grandes e pequenas**”;

2 - (1948) Declaração Universal dos Direitos Humanos;

3 - (1948) Convenção Interamericana sobre a Concessão dos Direitos civis às Mulheres – Concede às mulheres os mesmos direitos civis dos homens. Promulgada no Brasil em 1952 (Decreto 31.643);

5 - (1951) Convenção da OIT nº 100 – Dispõe sobre a igualdade de remuneração. Promulgada no Brasil em 1957 (Decreto nº 41.721);

6 - (1952) Convenção da OIT nº 103 – Dispõe sobre o amparo materno. No Brasil, promulgada em 1966 (Decreto nº 58.820);

7 - (1953) Convenção sobre os Direitos Políticos da Mulher – Concede às mulheres o voto em condições de igualdade ao homem, bem como a elegibilidade. Aprovada no Brasil em 1955 (Decreto Legislativo nº 52.476);

8 - (1966) Convenção sobre a eliminação de todas as formas de discriminação racial – CERD;

---

<sup>8</sup> O Observatório é uma iniciativa da Secretaria de Políticas para as Mulheres da Presidência da República em parcerias com outras instituições públicas. O endereço do Site é <http://www.observatoriodegenero.gov.br/>

9 - (1969) Convenção Americana de Direitos Humanos – Em seu artigo primeiro, dispõe que os Estados-partes devem se comprometer a respeitar os direitos e liberdades reconhecidos pela Convenção e a garantir seu livre e pleno exercício a toda pessoa sem discriminação alguma, por motivo de raça, cor, **sexo**, idioma, religião, opiniões, posição econômica, nascimento ou qualquer outra condição social. Promulgada no Brasil em 1992 (Decreto nº 678);

10 - (1975) I Conferência Mundial sobre a Mulher – Reconhece o direito da mulher à integridade física, à decisão sobre o próprio corpo e à maternidade opcional;

11 - (1979) Convenção para Eliminar todas as Formas de Discriminação contra a Mulher – CEDAW – estabelece o compromisso de combate a todas as formas de discriminação para com as mulheres. Foi ratificada no Brasil em 1984, com reservas, as quais foram suspensas em 1994 (Decreto Legislativo nº 26). Promulgada em 2002 (Decreto nº 4.377). Em 1999, foi adotado, em Nova York, o Protocolo facultativo à Convenção, que determina a atuação e define as competências do Comitê sobre a Eliminação de Discriminação contra a Mulher na recepção e análise das comunicações recebidas dos Estados Partes. O Protocolo foi aprovado no Brasil em 2002 (Decreto Legislativo nº 107) e promulgado no mesmo ano (Decreto nº 4.316);

12 - (1980) II Conferência Mundial sobre a Mulher – O Instituto Internacional de Pesquisa e Treinamento para a Promoção da Mulher (INSTRAW) é convertido em organismo autônomo no sistema das Nações Unidas;

13 - (1981) Convenção da OIT nº 156 – Estende aos homens a responsabilidade sobre a família;

14 - (1985) III Conferência Mundial sobre a Mulher – O Fundo de Contribuições Voluntárias das Nações Unidas para a Década da Mulher é convertido no Fundo de Desenvolvimento das Nações Unidas para a Mulher (UNIFEM);

15 - (1990) Convenção da OIT nº 171 – Dispõe sobre trabalho noturno;

16 - (1992) Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento – O documento resultante, a Agenda 21, no artigo 24, pede urgência aos governos para que ratifiquem todas as Convenções pertinentes à mulher e as cumpram, transformando os direitos reconhecidos em leis nacionais, a fim de fortalecer a capacidade jurídica da mulher de participar em condições de igualdade nas questões e decisões relativas ao desenvolvimento sustentável;

17 - (1993) II Conferência Mundial de Direitos Humanos – Inclusão do dispositivo “os direitos do homem, das mulheres e das crianças do sexo feminino constituem uma parte inalienável, integral e indivisível dos direitos humanos universais. A participação plena e igual das mulheres na vida política, civil, econômica, social e cultural, em nível nacional, regional e internacional, e a erradicação de todas as formas de discriminação com base no sexo constituem objetivos prioritários da comunidade internacional”;

18 - (1994) III Conferência Internacional sobre População e Desenvolvimento;

19 - (1994) Convenção Interamericana para Prevenir, Punir e Erradicar a Violência contra a Mulher – Define como violência contra a mulher “qualquer ato ou conduta baseada nas diferenças de gênero que cause morte, dano ou sofrimento físico, sexual ou psicológico, tanto na esfera pública, quanto na privada”. Promulgada no Brasil em 1996 (Decreto nº 1973);

20 - (1995) IV Conferência Mundial sobre a Mulher – Instaura uma nova agenda de reivindicações que reclama a efetivação dos compromissos políticos assumidos pelos Governos em conferências internacionais através do estabelecimento de políticas públicas. Assinado pelo Brasil em 1995.

21 - (1996) II Conferência das Nações Unidas sobre Assentamentos Humanos;

22 - (2000) Declaração do Milênio – Dentre as Oito Metas do Milênio encontra-se a de promover a igualdade entre os sexos e a autonomia das mulheres;

23 - (2001) III Conferência Mundial contra o Racismo, a Discriminação Racial, a Xenofobia e Formas Conexas de Intolerância; e

24 - (2011) Convenção e Recomendação da OIT sobre Trabalho Decente para as Trabalhadoras e os Trabalhadores Domésticos.

Quando se trata de esporte, a situação da mulher é ainda mais gravosa. Para representar a luta pela igualdade da mulher, vamos mostrar a evolução dos Jogos Olímpicos, que são originários da Grécia antiga.

“As competições eram vetadas às mulheres, que não podiam nem mesmo assistir às disputas, com exceção das sacerdotisas de Dêmeter.”<sup>9</sup>

E essas regras foram estabelecidas para as mulheres gregas da civilização helênica, que deu à humanidade grandes filósofos, escritores, escultores, generais, historiadores, arquitetos, além de “inventar” a democracia, o teatro e os Jogos Olímpicos!

Os Jogos Olímpicos ficaram paralisados durante séculos, após a invasão romana (a última Olimpíada da era antiga foi em 393 AC). Somente em 1894, por articulação do barão francês Pierre de Coubertin, em um congresso em Paris, onde, presentes delegados de 13 países, decidiu-se, por unanimidade, o restabelecimento dos Jogos Olímpicos de quatro em quatro anos, sendo o primeiro a ser sediado em Atenas, Grécia, no ano de 1896. Coubertin imaginava replicar a ideia que permeava os jogos 1500 anos antes:

“Importa, antes de tudo, que o helenismo conserve o caráter nobre e cavalheiresco que o distinguiu no passado, com o propósito de que possa continuar, na educação dos povos modernos, o papel admirável que lhe atribuem os mestres gregos...”<sup>10</sup>

Ora, só que, na Grécia antiga, as olimpíadas eram fechadas, delas participando somente os gregos livres, cerca de um por cento da população grega, sendo vedada a participação dos bárbaros (outros povos) e das mulheres que, aliás, sequer podiam assistir aos jogos. Assim, em Atenas, 1896, somente homens puderam ter a honra de participar dos primeiros Jogos Olímpicos da Era Moderna.

---

<sup>9</sup> Ministério dos Esportes- A Origem dos jogos Olímpicos . <http://brasil2016.gov.br/pt-br/olimpiadas/historia/origem>

<sup>10</sup> SÉRGIO, Manuel. p. 105

Pelo menos, as mulheres receberam um benefício depois desses 1500 anos: puderam assistir aos jogos!

“Em sua primeira edição, realizada em Atenas em 1896, não havia sequer uma mulher entre os quase 300 atletas. O próprio Barão de Coubertin era avesso à participação das mulheres, afirmando que os esportes praticados por elas eram, por definição, contrários às “leis da natureza”, segundo nos ensina Anne Fausto-Sterling”<sup>11</sup>.

Em 1900, nos Jogos Olímpicos de Paris, vinte e duas mulheres conseguiram a proeza de disputar uma modalidade desportiva. A inglesa Charlotte Cooper tornou-se a primeira mulher a ser campeã olímpica, na modalidade de tênis, no torneio de simples feminino e em duplas mistas. Para driblar os preconceitos e participar dos jogos, Charlotte teve de competir usando saia longa, camisa de manga comprida e grava listrada.

O Quadro a seguir, montado com informações disponíveis no Ministério dos Esportes<sup>12</sup>, mostra a crescente participação feminina nas Olimpíadas.

#### **Evolução da participação Feminina nas Olimpíadas**

Ano	Local	Atletas (nº)		Países (nº)
		Total	Mulheres	
1896	Atenas	241	0	14
1900	Paris	997	22	24
1904	St Louis	651	6	12
1908	Londres	2008	37	22
1912	Estocolmo	2407	48	28
1916	Berlim	Cancelada devido 1ª Guerra Mundial		
1924	Paris	3089	135	44
1928	Amsterdã	2883	277	46
1932	Los Angeles	1332	126	37
1936	Berlim	3963	331	49
1940	Tóquio	Cancelada devido 2ª Guerra Mundial		

<sup>11</sup> SENKEVIC, Adriano. Um breve histórico da participação das mulheres nos Jogos Olímpicos. Disponível em <http://ensaiosdegenero.wordpress.com/2012/07/31/um-historico-da-participacao-das-mulheres-nos-jogos-olimpicos/>, acessado em 18.11.2013.

<sup>12</sup><http://brasil2016.gov.br/pt-br/olimpiadas/edicoes>

1948	Londres	4104	390	59
1952	Helsing	4955	519	69
1956	Melbourne	3314	376	72
1960	Roma	5338	611	83
1964	Tóquio	5151	678	93
1968	C. do México	5516	781	112
1972	Munique	7134	1059	121
1976	Montreal	6084	1260	92
1980	Moscou	5179	1115	80
1984	Los Angeles	6829	1366	140
1988	Seul	8391	2194	159
1992	Barcelona	9356	2704	169
1996	Atlanta	10318	3512	197
2000	Sydney	10651	4069	199
2004	Atenas	10625	4329	201
2008	Pequim	10942	4637	204
2012	Londres	10500	4620	204

Ressalte-se que, nos Jogos Olímpicos de 1904, em St. Louis, nos Estados Unidos, as atletas eram todas americanas devido a falta de patrocínio para as outras modalidades:

“As atletas eram todas americanas, apesar do Comitê Olímpico Americano (COA) ser um ferrenho opositor das mulheres nos jogos, mas sua participação foi permitida dado o caráter de apresentação simbólica, pois não era da cultura ocidental a participação esportiva feminina”.<sup>13</sup>

No Brasil, a participação das mulheres nos Jogos Olímpicos foi mais complicada. O país só começou a participar dos Jogos em 1920, nos Jogos da Antuérpia, e somente em 1932 é que contou com a primeira atleta mulher, a nadadora Maria Lenk<sup>14</sup>.

<sup>13</sup> OLIVEIRA, Gilberto; CHEREM, Eduardo H. L.; e, TUBINO, Manoel J. G. A inserção histórica da mulher no esporte. R. bras. Ci e Mov. 2008; 16(2): 117-125 Disponível em <http://portalrevistas.ucb.br/index.php/RBCM/article/viewFile/1133/884>. Acessado em 18.11.2013.

<sup>14</sup> Aos 17 anos, Maria Lenk já é atleta de nível internacional. Torna-se a primeira sul-americana a competir em uma Olimpíada, a de 1932. A delegação brasileira de natação paga a viagem a Los

“O preconceito, a falta de atenção e apoio às mulheres atletas impediam o desenvolvimento do esporte feminino. Somente em 1980, com o voleibol, uma equipe feminina participaria dos Jogos Olímpicos. Antes disso, as nossas atletas olímpicas eram fenômenos individuais como a própria Maria Lenk ou Anda dos Santos, única mulher da delegação nos Jogos Olímpicos de Tóquio, em 1964 que, confundida e sem técnico, conseguiu o quarto lugar no salto em altura”.<sup>15</sup>

Teoricamente, a Constituição Brasileira, de 1988, consagrou o princípio da isonomia entre homens e mulheres, mas mesmo depois de vinte e cinco anos de vigência, nossa Lei Maior ainda não conseguiu superar as cicatrizes das desigualdades entranhadas por séculos na nossa sociedade.

No âmbito trabalhista, destacamos, as Leis 9.029, de 13 de abril de 1995 (proíbe a exigência de atestados de gravidez e esterilização e outras práticas discriminatórias para efeitos admissionais ou de permanência da relação jurídica de trabalho e dá outras providências), e 9.799, de 26 de maio de 1999 (Insere na Consolidação das Leis do Trabalho regras sobre o acesso da mulher ao mercado de trabalho).

Essas leis vieram acentuar o combate às práticas discriminatórias contra a mulher trabalhadora. Aliás, deve ser mencionado que não há qualquer impedimento legal para o exercício de qualquer profissão pelas mulheres. Enfim, se já temos mulheres trabalhando em atividades de risco, como policiais e militares, porque as mulheres não podem ganhar a vida como atletas de esportes populares em pé de igualdade com os homens?!

---

Angeles com a venda do café que trouxe no navio. "O que valia era o conceito do amadorismo. Eu competi com um uniforme emprestado, que tive de devolver quando as provas acabaram", lembra. Em 1932, ela participa das provas dos 100 m livre, 100 m costas e chega às semifinais dos 200 m peito. Nessa modalidade, Maria Lenk obtém suas melhores marcas. Em 1939, ele bate os recordes mundiais dos 200 m e 400 m nado de peito. No auge de sua forma, é a mais séria candidata ao ouro olímpico em 1940. Mas a Segunda Guerra Mundial e suas bombas cancelam o evento.

Outro fato marcante em sua carreira é a participação inovadora nas Olimpíadas de Berlim, em 1936. Na ocasião, destaca-se como precursora do nado borboleta entre as mulheres. Ela se utiliza da braçada deste estilo nos 200 m peito e, novamente, chega às semifinais da prova.

No início dos anos 40, é a única mulher da delegação de nadadores sul-americanos que excursiona pelos EUA. Maria Lenk quebra doze recordes norte-americanos e aproveita sua estadia para concluir o curso de Educação Física na Universidade de Springfield. (Disponível em <http://www.educacional.com.br/reportagens/mulheres/esporte02.asp>. Acessado em 18.11.2013)

<sup>15</sup>[http://www.solbrilhando.com.br/Esportes/Olimpiadas/Mulheres\\_nas\\_O.htm](http://www.solbrilhando.com.br/Esportes/Olimpiadas/Mulheres_nas_O.htm). Acessado pela última vez em 31.10.2013



## CAPÍTULO II – FUTEBOL MASCULINO E FEMININO: DESENVOLVIMENTO COMPARADO.

O futebol que conhecemos hoje evoluiu a partir de outros jogos, que existiam em várias partes do mundo, como por exemplo:

- América Central e Amazonas: alguns autores apontam que os indígenas dessas regiões já praticavam jogos de bola em 1500 A.C.;

- Grécia e Roma: essas civilizações da antiguidade também possuíam jogos com bolas. O jogo romano era o *haspastum*, provavelmente copiado do grego que era chamado de *episcyros*;

- Na China, no período neolítico, manufaturavam bolas de pedra para serem chutadas em jogos na província de *Shan Xi*;

- Vários povos europeus (gauleses e celtas, dentre outros) possuíam jogos com bolas, com raízes em antigas cerimônias religiosas que invocavam a fertilidade e a adoração de elementos:

“A maior parte desses jogos “primitivos” gerou desconfiança ou animosidade entre as classes dominantes. Na China, durante a dinastia dos Ming, o imperador Zhu Yuanzhang proibiu o futebol em 1389; os que desobedecessem sua ordem teriam, como punição, os pés amputados. A proibição foi reiterada em 1625. Edward II proibiu o futebol na Inglaterra, em 1314, para deixar mais tempo para a prática do arco e flecha (Strutt, 1969, p. 94). Posteriormente, James I, da Inglaterra, defendeu a mesma idéia e, mais uma vez, o proibiu, autorizando seus oficiais a multar os infratores (Birley, 1993, p. 42).”<sup>16</sup>

Durante a Idade Média, na Inglaterra, já se podia falar de um futebol “primitivo”, um esporte de massa bastante popular:

“O futebol primitivo pode ser considerado particularmente violento e “não civilizado” se comparado ao jogo moderno (Elias e Dunning, 1986). Nos séculos XIII e XIV, era comum os jogadores carregarem punhais que causavam ferimentos sérios tanto acidentalmente, quanto intencionalmente

---

<sup>16</sup>GIULIANOTTI, Richard. Sociologia do Futebol – P. 16

(Birley, 1993, p. 32). Pontapés na canela, socos e lutas diversas eram comuns entre jogadores rivais para vingar agravos antigos; ossos quebrados, ferimentos graves e mortes eram consequências esperadas (Elias e Dunning, 1970 p. 119-120). O jogo não tinha também organização relativa à posição de cada jogador ou esquema tático.”<sup>17</sup>

Esse futebol primitivo, embora violento, possuía uma limitada secularização, pois era mais jogado em dias santos, quando eram organizados, no campo, pelos proprietários rurais, e nas cidades ou áreas urbanas, pelas guildas. Os caóticos jogos eram parte importante desses períodos de festa.

Esse esporte também funcionava na manutenção da ordem social, integrando indivíduos no âmbito local e dando maturidade aos jovens.

“Os jogos eram realizados, paróquias contra paróquias, uma parte da cidade contra outra, solteiros contra casados, mulheres casadas contra mulheres solteiras, escola contra escola ou cidade contra campo (Magoum, 1938, p. 136).”<sup>18</sup>

Reparem no trecho, da citação acima, “mulheres casadas contra mulheres solteiras”: subtende-se que era permitido às mulheres jogar esse futebol primitivo!

Continuando, parece que não havia regras nesse futebol primitivo, que permitia que a bola fosse dominada com a mão e chutada. Os times competidores podiam ter qualquer número de jogadores, com variados graus de habilidade. Também havia pequena diferença entre espectadores e jogadores, inexistindo parâmetros de jogo e, certamente, nenhum juiz. O objetivo do jogo era atracar-se à bola de couro e levá-la até o gol.

A transição do futebol primitivo para o futebol moderno se dá na Inglaterra, com a introdução de esportes nas escolas.

“Em 1828, Thomas Arnold tornou-se diretor de uma escola na cidade de Rugby e revolucionou a educação moral dos jovens ricos da nação. O esporte e a educação física foram fundamentais para essa missão. Os jogos foram introduzidos como estrutura de caráter, ensinando as virtudes de liderança, lealdade e disciplina, sintetizando a nobre filosofia de *mens sana*

---

<sup>17</sup>GIULIANOTTI, Richard. Sociologia do Futebol – P. 17

<sup>18</sup>GIULIANOTTI, Richard. Sociologia do Futebol – P. 17

*in corpore sano*[...]. A reputação social dos jogos aumentou também, sendo elevados ao Status mais sério e envolvente do esporte”.<sup>19</sup>

Os professores das escolas codificavam as regras e supervisionavam os jogos, sendo natural que viessem à tona inconsistências entre as regras de instituições rivais:

“Os veteranos de Rugby e de Eton eram favoráveis a um jogo com pontapés nas canelas e que permitisse o uso das mãos, enquanto os de Harrow proibiram essas ações. [...] Os alunos de Harrow tomaram a iniciativa de imprimir as regras ao mesmo tempo que criaram a Associação do Futebol (FA), deixando os de Rugby formularem o código do jogo a que deram seu nome, em que pontapés e o uso das mãos ainda são permitidos. Graças ao zelo missionário de C. W. Alcock, veterano de Harrow e secretário da FA durante vinte e cinco anos, o “jogo do drible” foi introduzido em toda a Grã-Bretanha. Em 1872, a copa da FA foi inicialmente disputada em um torneio de eliminatórias entre escolas públicas, e a primeira totalmente internacional foi jogada entre Inglaterra e Escócia, em Glasgow (Walvin, 1994, p. 48, 75)”<sup>20</sup>

Como o futebol chegou ao Brasil? Parece que há vários defensores para várias possibilidades de fatos que podem ter introduzido o futebol no Brasil. Assim, achei interessante a seguinte abordagem de uma Tese de Mestrado em História Comparada na UFRJ:

“De qualquer forma, ainda que em recortes temporais distintos, o panorama argentino apresenta similaridades às experiências brasileiras. A história do futebol brasileiro também está longe de poder se apresentar de maneira simples e linear. Também possuímos versões que passam pelo porto da capital e outra que se desenvolve nos colégios jesuítas.

Na verdade, compreendemos que para além de versões que aparentemente se opõem, isto demonstra que o processo, tanto na Argentina quanto no Brasil, ocorreu de uma maneira múltipla e não linear e, sobretudo, complementar. Pois, ao mesmo tempo em que as elites tinham seus primeiros contatos através dos colégios, com a prática da bola e já iniciava um processo de relação com ela, as camadas populares também as recebiam, nos portos, e por sua vez construíam os seus laços com este esporte.”<sup>21</sup>

De fato, são várias as versões de como o futebol chegou ao Brasil: que ele foi trazido por marinheiros ingleses, vistos jogando bola no cais do porto no Rio de Janeiro; que foi trazido pelo brasileiro Oscar Cox, fundador do Fluminense Football Clube; que o filho do cônsul britânico, residente em São Paulo, o estudante

<sup>19</sup>GIULIANOTTI, Richard. Sociologia do Futebol – P. 18

<sup>20</sup>GIULIANOTTI, Richard. Sociologia do Futebol – P. 18- 19

<sup>21</sup>SANOTS, Ricardo Pinto. Uma história comparada entre o desenvolvimento do futebol no Rio de Janeiro e em Buenos Aires (1827-1924) – UFRJ – Disponível em [dominiopublico.gov.br](http://dominiopublico.gov.br)

Charles Miller trouxe o livro de regras do futebol, camisas de dois times ingleses, bolas e chuteiras e introduziu o esporte por aqui; e, ainda, que foi introduzido pelos padres jesuítas, do Colégio São Luis, em Itú:

“[...] o que nos interessa é entender como o futebol se desenvolveu inicialmente aqui no Brasil, visto que, a princípio, o futebol era uma atividade praticada pela elite dos centros urbanos que vinha se desenvolvendo na virada do século XIX, virtude do “início” do processo de industrialização do país. O futebol era praticado não como esporte, mas como um jogo que tinha como objetivo a reunião, através de uma prática lúdica, da alta sociedade representada por uma burguesia nascente nas cidades. Posteriormente, instituições de ensino da burguesia introduziram o futebol em seus currículos acadêmicos.

[...] no início do século XX, era muito comum que os filhos de grandes empresários e latifundiários estivessem acostumados a sair do Brasil para estudar na Europa, especialmente Inglaterra, que no período até a primeira Grande Guerra, era a principal potência mundial. Esses jovens da elite nacional ao entrar em contato com o futebol em solo europeu, passaram a importar equipamentos, técnicas e regras deste jogo, visto que a elite nacional tinha como costume importar costumes europeus, sobretudo ingleses, no sentido de afirmar sentimentos de progresso e de civilidade.”<sup>22</sup>

Então, o futebol, aqui no Brasil, nasceu ao mesmo tempo rico e pobre, foi praticado com mais intensidade primeiro pelas elites, depois pelo povo:

“Aos poucos o futebol se populariza e é praticado por operários e trabalhadores de classes populares, mesmo sob o olhar reticente da elite e a sua tentativa em preservar seu caráter de classe. Surgem os primeiros clubes de fábricas (Bangu no Rio de Janeiro, 1904) ou times proletários (Corinthians em São Paulo, em 1910), que culminam com a proliferação daquilo que se convencionou chamar de futebol de várzea. Imigrantes, vindos da Europa, já em contato com o esporte por lá, também fundam suas equipes (Palestra Italia em São Paulo, em 1914). O estímulo à prática do futebol, por mais contraditório que pareça, parte dos próprios empresários, já que esses objetivavam divulgar o nome de suas empresas.”<sup>23</sup>

O Estado tem papel importante na integração do futebol à cultura brasileira:

“Porém é possível afirmar com segurança que é o Estado quem empreende, desde o início, a organização do futebol profissional no Brasil. Na década de 30, o governo Getúlio Vargas necessita justificar ideologicamente a construção de seu Estado Novo com características autoritárias através de uma massificação cultural; o futebol é o cenário ideal para isso. Nesta década surge – formalmente – a profissão de jogador de futebol. [...]”

<sup>22</sup>ARAÚJO FILHO, Wilson. Futebol Brasileiro: a Trajetória do Jogador Profissional e o fim de sua Carreira. PUC-SP – p. 8, 9. Disponível em [dominiopublico.gov.br](http://dominiopublico.gov.br)

<sup>23</sup>CASTELLARI, Ademir Angelo. O tradicional e o Moderno no Futebol Brasileiro: do moderno e de elite a uma moderna elitização. PUC-SP – p. 30 – disponível em [dominiopublico.gov.br](http://dominiopublico.gov.br)

[...] o aparelho ideológico do Estado incorpora o futebol, que há algum tempo se transforma em um fenômeno popular; a elite governante passa a enxergá-lo como componente fundamental em sua cruzada disciplinadora. O governo getulista chega ao ponto de configurar o sistema administrativo dos clubes de futebol, em que o Conselho Nacional de Desportos (CBD) propõe os modelos de estatutos que são seguidos por todos os clubes brasileiros.”<sup>24</sup>

O certo é que o processo de institucionalização do futebol no Brasil foi rápido e, mesmo não tendo sido os “inventores” deste esporte, hoje somos “O País do Futebol”.

Quanto ao desenvolvimento do futebol no Brasil, a partir de 1910 o esporte começa a ganhar mais força no País, com a criação de clubes em quase todos os Estados, bem como com o surgimento das respectivas federações nos mesmos, dando início aos seus próprios campeonatos estaduais. Foi desta forma que o interesse público e da imprensa começou a se desenvolver.

Em 1914, criou-se a Federação Brasileira de Sport e, em 1916, a Confederação Brasileira de Desporto (CBD). Com a difusão do esporte pela nação, em 1922 realizou-se o primeiro campeonato de seleções estaduais.

Salienta-se que, durante quase quarenta anos, o futebol era exercido por amadores, que não recebiam nada pelas partidas, além do amor e admiração do público.

Com o passar do tempo, o futebol foi deixando de ser um esporte amador, passando a incorporar características profissionais. Foi em 1933, no Rio de Janeiro e em São Paulo, que se oficializou o profissionalismo.

Após muita relutância dos próprios jogadores, que viam o esporte como uma diversão e não profissão, o futebol acabou sendo nacionalmente profissionalizada e, em 1938, aconteceu a primeira Copa do Mundo, na qual o Brasil ficou em terceiro lugar.

Em 1959, criou-se a Taça do Brasil, que era um campeonato nacional interclubes e que, em 1971, foi transformado no Campeonato Brasileiro de Clubes,

---

<sup>24</sup>Castellari, Ademir Angelo – O tradicional e o Moderno no Futebol Brasileiro: do moderno e de elite a uma moderna elitização – PUC-SP – p. 31 – disponível em [dominiopublico.gov.br](http://dominiopublico.gov.br)

em que os campeões ganham o direito de participar de competições internacionais com clubes de outros países, como, por exemplo, o campeonato conhecido como Taça Libertadores.

Finalizo a história do futebol mundial e brasileiro com base em livros e outros documentos acadêmicos (artigos, teses de mestrado e doutorado) para concluir que se trata da história do futebol **masculino**. Constatado, então, que não há material equivalente tratando do futebol feminino. Assim, passo a fazer uso de material **não acadêmico**, porém de **domínio público**, já que se vê a mesma história contada de formas diferentes, porém com os mesmos dados (nomes, datas).

Com relação à história mundial do futebol feminino, reproduzo aquele pequeno trecho que citamos anteriormente:

“Os jogos eram realizados, paróquias contra paróquias, uma parte da cidade contra outra, solteiros contra casados, **mulheres casadas contra mulheres solteiras**, escola contra escola ou cidade contra campo (Magoum, 1938, p. 136).”<sup>25</sup>

O grifo (meu) pode indicar que as mulheres inglesas jogavam o futebol primitivo, portanto, as mulheres estão presentes no futebol desde os primórdios deste esporte, embora sem posição de relevância.

A partir daqui, conto a história do futebol feminino com base em material do “GRUPO DESPORTIVO CULTURAL A-DOS-FRANCOS<sup>26</sup>”, que apresenta um condensado da história do futebol feminino, o qual acrescento em anexo a esta monografia, haja vista que trata-se de uma consolidação de histórias que podem ser encontradas repetidamente na internet (Wikipédia, blogs de historiadores, jornalistas e admiradores de futebol).

Prosseguindo, portanto, depois do singelo registro do futebol primitivo, o próximo registro com consistência é o da inglesa Nettie Honeyball, uma ativista dos direitos da mulher que, em 1894, fundou o primeiro clube desportivo de mulheres na Inglaterra, o *Ladies Football Club*, o qual é tido como o primeiro de equipe feminina do mundo.

<sup>25</sup>Giulianotti, Richard – Sociologia do Futebol – P. 17

<sup>26</sup>Disponível

em

[http://files.comunidades.net/gdcadosfrancos/2013.05.01\\_\\_A\\_historia\\_do\\_futebol\\_feminino\\_1.pdf](http://files.comunidades.net/gdcadosfrancos/2013.05.01__A_historia_do_futebol_feminino_1.pdf).

Convicta de sua causa, Honeyball queria demonstrar que as mulheres poderiam alcançar a emancipação e ter um lugar importante na sociedade e nos esportes.



*Ladies Football Club,*  
fundado por *Nettie Honeyball*  
(a segunda na fileira de cima,  
da esquerda para direita) em  
1895<sup>27</sup>.

Em 1895, dez mil pessoas assistiram à partida de inauguração da equipe de “Senhoras britânicas”, fundado por Nettie Honeyball.

Seguindo o exemplo de Nettie, vários clubes de futebol feminino surgem pelo mundo:

<sup>27</sup> Foto Disponível em [http://commons.wikimedia.org/wiki/File:British\\_Ladies\\_Football\\_Club.jpg](http://commons.wikimedia.org/wiki/File:British_Ladies_Football_Club.jpg). e no Anexo 1 desta monografia.

- No Canadá, o Society Angels of Edmond começa a se apresentar em campo;
- Na França, surgem os *Rouge Sportif* e o *Feminin Sports de Paris*.
- Em Liverpool, Inglaterra, em 1910, em Bountson Park, na sede do Everton Football Club, cinquenta e três mil pessoas assistem à partida do Dick Kerr Ladies Football Club, em prol de obras de caridade. Ressalte-se que, nesse evento, mais de dez mil pessoas ficaram fora do estádio, pois este atingiu o limite de pessoas que comportava. Com esse jogo a equipe conseguiu angariar cerca de 70 (setenta) mil libras para obras de caridade.

A Primeira Guerra Mundial, da mesma forma e pelo mesmo motivo que contribuiu para o aumento da participação da mulher no mercado de trabalho, fez o futebol feminino na Inglaterra crescer. As fábricas, que tinham equipes de futebol masculinas, abriram espaço para as mulheres participarem rotineiramente das atividades esportivas. Infelizmente, ao final da guerra, a *Football Association*<sup>28</sup> não reconheceu o futebol feminino, mesmo com todo o sucesso que vinha fazendo à época.

Em 1921, a *Football Association (FA)*, formada exclusivamente por homens, proibiu a seus associados a utilização de suas instalações pelas equipes femininas. Descontentes com a *Football Association*, as mulheres criaram a *English Ladies Football Association*, cujo início sofreu diversos boicotes, o que acarretou em jogos de futebol femininos tendo que ser realizados em estádios de Rugby. A proibição das mulheres usarem os estádios da Inglaterra vigorou por 50 anos.

A Federação Francesa fez a mesma coisa que a FA, porém as equipes francesas de futebol feminino seguiram praticando o esporte da forma como podiam, no intuito de angariar fundos.

Contudo, essas medidas restritivas colocaram o futebol feminino em declínio:

---

<sup>28</sup> Órgão criado em 23 de outubro de 1863 com o objetivo de unificar as regras do futebol. Bem como organizar jogo e competições.



“Pode-se assim dizer, que no início o futebol não concedeu às mulheres grandes oportunidades para a sua prática, pois elas eram tidas apenas como símbolos de beleza”.<sup>29</sup>

Em 1950 houve uma pequena reviravolta. O interesse pelo futebol ressuscitou, principalmente entre jovens estudantes na Alemanha, Dinamarca, Itália e Tchecoslováquia. Estas jovens praticavam o futebol nas escolas, desenvolvendo um nível de habilidade cada vez maior e um domínio sobre a bola surpreendente.

E este interesse das mulheres pelo futebol foi crescendo de tal maneira que, após a Copa do Mundo de 1966, a *Football Association* voltou atrás com sua proibição à prática do futebol feminino e, em 1969, criou um setor voltado a prática desta modalidade.

Dois anos depois, em 1971, a UEFA (*Union of European Football Association*)<sup>30</sup> instruiu seus associados a que promovessem o futebol feminino. Com isso, o futebol feminino europeu pode desenvolver-se um pouco melhor nos anos que se seguiram.

Por terem se esforçado em dar atenção ao futebol feminino, alguns países europeus, bem como os Estados Unidos e o Japão, possuem ligas femininas profissionais, cuja popularidade não deixa a desejar quando comparada ao futebol masculino. Ainda assim, sua visibilidade ao restante do mundo não chega nem perto da atribuída ao futebol masculino.

Em 1971 ocorreu a primeira Copa do Mundo de Futebol Feminino, porém não oficial, pois não houve o reconhecimento da FIFA. Esse campeonato foi realizado no México, onde as anfitriãs perderam a final para a Dinamarca, jogo assistido por mais de cem mil pessoas.

Mesmo assim, somente em 1988 é que a FIFA reconheceu o I Torneio Mundial de Futebol Feminino, sediado na China e contando com a participação de doze países.

---

<sup>29</sup>

Disponível em [http://files.comunidades.net/gdcadosfrancos/2013.05.01\\_\\_A\\_historia\\_do\\_futebol\\_feminino\\_1.pdf](http://files.comunidades.net/gdcadosfrancos/2013.05.01__A_historia_do_futebol_feminino_1.pdf) acessado em 18.11.2013.

<sup>30</sup> A UEFA foi criada em 1954, devido a um conflito entre as federações da Itália, França e Bélgica. É uma das seis federações pertencentes à FIFA e, atualmente, conta com 54 países associados.

O primeiro Campeonato Mundial de Futebol Feminino, nos moldes da Copa do Mundo de futebol masculino, só foi ocorrer em 1991, na cidade de Punyu, na China, contando com 12 países participantes. A FIFA só cedeu à realização da primeira edição do torneio olímpico de futebol feminino para as Olimpíadas de Atlanta (1996), ficando o resultado do segundo Campeonato Mundial de Futebol Feminino, de 1995, servindo como critério classificatório para a participação nessa Olimpíada. Então, as oito seleções melhores classificadas no Mundial foram as consideradas classificadas, o que acabou deixando de fora representantes da África e da Oceania.

Ao contrário da versão masculina do esporte, que teve seu primeiro jogo disputado nas Olimpíadas de 1900, as mulheres tiveram de que esperar quase um século para poder mostrar seu potencial de jogo em uma Olimpíada.

Como nos Estados Unidos o futebol (*soccer*) é “considerado” um jogo para meninas, os estádios encontravam-se lotados de pessoas que admiravam essa modalidade do esporte, enquanto que as partidas de futebol masculino foram pouco prestigiadas:

“Nas bancadas, um público entusiasta, que associava o «*soccer*» ao desporto feminino, vibrava com as partidas, enquanto, por outro lado, o torneio masculino era depreciado pelo desinteresse que provocava pela falta de emoção. Em terras do «Tio Sam», o futebol é literalmente um jogo para meninas, e os jogos para homens são o beisebol, o basquetebol ou o hóquei sobre gelo...”<sup>31</sup>

A final de Atlanta foi disputada por duas grandes equipes, China e Estados Unidos, em que as donas da casa saíram vitoriosas.

A organização utilizada nos jogos de Sidney, em 2000, foi praticamente a mesma de Atlanta, onde participaram oito equipes, divididas em dois grupos. A única diferença marcante foi a participação das equipes da Austrália, pela Oceania, e da Nigéria, pela África.

Quanto a história do futebol feminino, em 1913, foi promovido um evento beneficente onde teria ocorrido a primeira partida feminina de futebol no Brasil. Anos

---

<sup>31</sup>[http://files.comunidades.net/gdcadosfrancos/2013.05.01\\_\\_A\\_historia\\_do\\_futebol\\_feminino\\_1.pdf](http://files.comunidades.net/gdcadosfrancos/2013.05.01__A_historia_do_futebol_feminino_1.pdf) acessado em 18.11.2013.

mais tarde descobriu-se que o time era composto, na verdade, por alguns jogadores do Sport Club Americano, campeão paulista daquele ano, vestidos de mulher, misturando-se às meninas.

Portanto, a verdadeira primeira partida de futebol feminino, no Brasil, ocorreu, efetivamente, em 1921, disputada entre mulheres dos bairros Tremembé e Cantareira, na zona norte de São Paulo. O jornal A Gazeta noticiou o ocorrido, mas tratando-o como ‘curioso’, ou até mesmo ‘cômico’, em meio às festividades juninas que estavam ocorrendo<sup>32</sup>. No contexto desta reportagem as mulheres eram apenas acessórios ao futebol. Torcedoras charmosas ou madrinhas de clubes, que entravam em campo somente para dar o pontapé inicial.

Por essa época, o futebol era visto como um esporte bruto demais para ser praticado por damas. O que ocorria era que, apesar dos avanços no mundo, havia muita resistência de setores mais conservadores da nossa sociedade. Até mesmo grandes defensores do futebol, como Coelho Neto, eram contrários à prática feminina, prova disto foi sua publicação na imprensa, em 1926:

“Certamente ninguém exigirá da mulher que jogue o football ou o rugby, que esmurre antagonistas com o guante de boxe, que arremesse barras de ferro, que se engalfinhe em lutas romanas. Há exercícios que lhe não são próprios e que lhes seriam prejudiciais, não só à beleza como à saúde e até as sujeitariam ao ridículo”<sup>33</sup>.

Em 1940, um jornal paulista, Folha da Manhã, reconhecia a existência de dez equipes femininas de futebol atuando regularmente no Rio de Janeiro (Eva F.C., E.C. Brasileiro, Cassino de Realengo, Benfica F.C., etc.)

Um fato pitoresco para as mulheres no futebol ocorreu em 1941, quando uma mulher, pela primeira vez, apitou um amistoso entre o Serrano de Petrópolis e o América do Rio. Ocorre que o árbitro principal não pode apitar, por problemas de saúde, e uma mulher, Margarida Soares, que participara da partida preliminar, assumiu a arbitragem.

---

<sup>32</sup>FRANZINI, Fábio. Futebol é “coisa para macho”? Pequeno esboço para uma história das mulheres no país do futebol. <http://www.scielo.br/pdf/rbh/v25n50/28282.pdf>

<sup>33</sup>BECKER, Laércio. A primeira partida de futebol feminino no Brasil. Citando Coelho Neto. Disponível em <http://www.campeoesdofutebol.com.br/especial44.html> acessado em 18.11.2013.

Nesse mesmo ano, em decorrência de diversas manifestações da sociedade conservadora (principalmente homens), editou-se o Decreto-Lei nº 3.199, de 14 de abril de 1941, que instituiu o Conselho Nacional de Desportos (CND) e que, em seu art. 54, trazia:

“às mulheres não se permitirá a pratica de desportos incompatíveis com as condições de sua natureza, devendo, para este efeito, o Conselho Nacional de Desportos baixar as necessárias instruções às entidades desportivas do país”.<sup>34</sup>

O futebol era visto como um esporte que não deveria, mesmo, ter a participação feminina, uma vez que poderia acabar atrapalhando o desenvolvimento do corpo da mulher e de suas funções fisiológicas, como, por exemplo, a fertilidade. As pressões foram tão grandes que, com a edição do decreto, as tentativas de organizar o futebol feminino acabaram chegando a um fim drástico. A Gazeta, de janeiro de 1941, antes mesmo da edição do Decreto, afirmou:

“O futebol feminino vai ter o fim que o aguardava. Existindo unicamente no Distrito Federal, onde nasceu e chegou a tomar vulto, será – ante uma triste exploração aventurada por uma ‘empresária’ sem escrúpulos, seguida, dias depois, da ameaça de ser transportada a vergonha para o Prata – destruído pela polícia carioca, que, embora tardiamente, percebeu o quisto social que tal inovação constituía, resolvendo fechar os clubes de moças e impedir a anunciada ida de um quadro feminino a Buenos Aires”.<sup>35</sup>

Após a repressão de 1941, o futebol feminino no Brasil limitou-se a pequenos e esporádicos jogos, sem nunca chamar a atenção.

Em 1958, o Araguari Atlético Clube, de Minas Gerais, foi criado para um jogo feminino beneficente. O time surgiu em decorrência de problemas financeiros de uma escola. Para angariar fundos para a caridade, a diretora da escola pensou em realizar um jogo de futebol. Porém, como o futebol não estava dando muita renda, sugeriram que o jogo fosse realizado entre as meninas do colégio. Foi assim que o time, considerado o primeiro time feminino do Brasil, selecionou 22 meninas.

Em 19 de dezembro de 1958 ocorreu o Jogo entre os times femininos do Araguari e do Fluminense, cuja foto de uma das equipes é exibida na imagem abaixo:

---

<sup>34</sup> Apud MANHÃES, E. D. Política de Esportes no Brasil. Rio de Janeiro: Graal, 1986, p.134.

<sup>35</sup> Apud MANHÃES, E. D. Política de Esportes no Brasil. Rio de Janeiro: Graal, 1986, p.134.



O sucesso da partida foi tão grande que a revista “O Cruzeiro” fez uma matéria de capa sobre o acontecimento. A equipe do Araguari passou a receber diversos convites para jogos amistosos em outros lugares do país e, até mesmo, convites internacionais.

Alguns trechos destacados de uma reportagem falando sobre as pioneiras do futebol feminino no país merecem destaque, tais como:

“quando as moças entraram em campo as bilheteria do estádio de Uberlândia assinalavam um recorde: 120 mil cruzeiros foi a arrecadação;...

Nem tudo é pó de arroz dos frágeis gestos femininos, de vez em quando a botinada aparece, não escapando nem mesmo o juiz;...

A goleira em posição pouco acadêmica, mas os cabelos são lindos;...

Pó de arroz e batom na marca do penalty”<sup>36</sup>

<sup>36</sup>Disponível em <http://teresacriscunha.blogspot.com.br/2009/06/primeiro-artigo-de-repercussao-nacional.html> e no vídeo <http://www.youtube.com/watch?v=XJwRlpfEae8#t=116>. Acessado em 18.11.2013.

Com o início dos governos militares, pós 1964, a moral e os bons costumes foram levados a extremos. Portanto, o CND não tinha outra opção a não ser proibir as mulheres “à prática de lutas de qualquer natureza, futebol, futebol de salão, futebol de praia, pólo aquático, pólo, *rugby*, halterofilismo e *baseball*”<sup>37</sup>. A equipe do Araguari, que já estava sonhando com a ida ao México para um amistoso, teve de abandonar seus sonhos e, literalmente, “pendurar as chuteiras”.

Tal proibição fez o futebol feminino no Brasil entrar em declínio, como ocorreu nos países europeus e nos Estados Unidos.

Esta proibição perdurou até 1979, quando foi revogada pela Deliberação nº 10 do CND. Acompanhando a queda da medida arbitrária e anacrônica, diversos clubes pelo país criaram departamentos de futebol feminino, como por exemplo, o Radar, clube do Rio de Janeiro, que implantou seu departamento feminino em 1981.<sup>38</sup>

Na mesma época foi criado o time feminino do SAAD, de São Paulo<sup>39</sup>, entrando nas competições com força máxima, e criando uma salutar rivalidade entre os dois times.

---

<sup>37</sup> BRASIL. CONSELHO NACIONAL DE DESPORTOS. Deliberação nº. 7-65, de 2 de agosto de 1965: Baixa instruções às entidades desportivas do país sobre a prática de desporto pelas mulheres. Apud FRANZINI, Fábio. Futebol é coisa para macho? Pequeno esboço para uma história das mulheres no país do futebol.

<sup>38</sup> O futebol feminino começou em 1981, por iniciativa do empresário e presidente do clube Eurico Lira, grande incentivador desse esporte. Eurico Lira também foi o técnico da equipe. Equivocadamente, algumas fontes informam ser o Radar fundado em 1981, ano da fundação do departamento de futebol feminino, porém o clube foi fundado em 1932.

O clube conquistou, em 1983, tanto o I Campeonato Estadual Feminino do Rio de Janeiro, organizado pela Divisão Feminina da FFERJ, quanto a I Taça Brasil de Futebol Feminino da CBF. E o clube repetiu esses feitos, consecutivamente, até 1988, em uma marca considerável.

Em 1989, a equipe inteira do Radar representou a Seleção Brasileira de Futebol Feminino no Campeonato Mundial.

No entanto, os campeonatos femininos, que não tinham retorno de público e imprensa, vinham perdendo cada vez mais participantes, até deixarem de ser organizados. E o Esporte Clube Radar desmanchou a equipe. (Disponível em [http://pt.wikipedia.org/wiki/Esporte\\_Clube\\_Radar](http://pt.wikipedia.org/wiki/Esporte_Clube_Radar) , acessado em 18.11.2013)

<sup>39</sup> Saad Esporte Clube foi um clube de futebol de São Caetano do Sul, que posteriormente mudou-se para Campo Grande e, atualmente, também está sediado em Águas de Lindóia, onde disputa campeonatos de futebol feminino. Fundado pelo empresário Felício José Saad em 28 de abril de 1961, suas cores são azul e branco. (Disponível em [http://pt.wikipedia.org/wiki/Saad\\_Esporte\\_Clube](http://pt.wikipedia.org/wiki/Saad_Esporte_Clube) , acessado em 18.11.2013)

Em 1988, o ano da Constituinte, a primeira seleção brasileira feminina de futebol foi reunida. Essa equipe era praticamente o time do Radar, do Rio de Janeiro, que liberou 16 atletas para compor o time.

Para complementar as informações sobre a evolução do futebol feminino brasileiro, apresento, a seguir, com base em informações da FIFA, e da COB, quadro com a classificação da nossa equipe feminina de futebol na Copa do Mundo e nas Olimpíadas:

COPA DO MUNDO DE FUTEBOL FEMININO		
Ano	Nº de Participantes	Colocação
1991	12	9º lugar
1995	12	9º lugar
1999	16	3º lugar
2003	16	5º lugar
2007	16	2º lugar
2011	16	5º lugar

Futebol Feminino nas Olimpíadas	
Ano	Colocação
1996	4º lugar
2000	4º lugar
2004	2º lugar
2008	2º lugar
2012	Não passou de fase

Resultados pobres para o “País do Futebol”, entretanto, eficientes demonstrativos do poder da opressão do preconceito, tão transparentes em tantos momentos da história dos esportes no Brasil!

### **CAPÍTULO III – FUTEBOL MISTO. UMA CHANCE PARA A PROFISSIONALIZAÇÃO FEMININA.**

Ao longo dos primeiros capítulos, discorreu-se sobre as divisões de gênero tanto no mercado de trabalho, quanto nos desportos. O feminismo desempenhou um papel importantíssimo na luta por direitos igualitários entre homens e mulheres.

Quando entramos no mundo esportivo, percebemos que a mulher também conquistou seu espaço. Mas, é perceptível que ainda há muita coisa a ser vencida até que a mulher encontre a verdadeira emancipação.

“Sabemos que esta realidade não se faz homogênea na sociedade, por mais que as mulheres tenham conquistado o seu espaço no âmbito esportivo, este ainda se configura como sendo prioritariamente masculino, principalmente em se tratando de algumas modalidades esportivas”.<sup>40</sup>

Os valores patriarcais, permeados nas sociedades durante milhares de séculos, são as principais barreiras a serem vencidas no mundo desportivo<sup>41</sup>, para que as mulheres possam, enfim, ter uma participação mais ativa.

Este capítulo não tratará de discutir a igualdade de direitos e obrigações entre homens e mulheres. A mulher não é diferente como força de trabalho, podendo desenvolver com habilidade e competência as atividades a que se dispuser ou que lhe sejam impostas.

Portanto, será demonstrado que mulheres podem atuar em equipes de futebol masculinas, sem sofrer preconceitos, uma vez que podem desempenhar as atividades esportivas sem qualquer restrição ou diferença.

“Efetivamente, em sua dinâmica, o esporte não pode admitir qualquer barreira de classe, raça ou sexo, e assim contribui para que esses

---

<sup>40</sup> SILVA, Lucilene Gomes. Mulher – Esporte – Emancipação: Discurso de professores e acadêmicos do curso de educação física da UNIRG-TO. 2008. Piracicaba-SP pg. 12

<sup>41</sup> SILVA, Lucilene Gomes. Mulher – Esporte – Emancipação: Discurso de professores e acadêmicos do curso de educação física da UNIRG-TO. 2008. Piracicaba-SP pg. 12



obstáculos sejam derrubados ao difundir o ideal esportivo. Pode-se dizer, então, que o esporte é, na realidade, “revolucionário” à medida que, como na Ciência e nas Artes, não se admitem barreiras artificiais de natureza racial ou política. Na competição esportiva as condições pré-estabelecidas de participação são iguais para todos, rompendo, desta forma, com quaisquer obstáculos antidemocráticos que impeçam sua realização”<sup>42</sup>.

## **1 – Habilidade e Técnica. Os principais instrumentos do futebol.**

Quando vemos alguém fazendo dribles e firulas vamos a loucura e, geralmente falamos “que habilidade, é um talento natural”. No futebol, uma das coisas mais importantes em um jogador é a habilidade para criar novas jogadas e situações de jogo.

Tostão, ex-jogador, e um dos grandes nomes da copa de 70, em sua coluna para a Folha de São Paulo, destaca a importância da habilidade e criatividade, que hoje em dia vem acompanhada da técnica, adquirida mediante treinamento.

“Em outras épocas o futebol brasileiro se destacava e venciam os demais em virtude da habilidade e criatividade. Não da técnica.

Frequentemente, confundimos esses conceitos. A técnica é o conjunto de fundamentos básicos, como o passe, o drible, a finalização, o desarme e outros. É uma característica geral e impessoal. Pode ser ensinada e desenvolvida com treinos e com a melhoria da tecnologia e dos métodos de treinamento. Foi o que aconteceu nos Jogos Olímpicos, principalmente na natação.

A habilidade é pessoal. Finalizar bem é um dos fundamentos técnicos. Em curva, é uma habilidade. Pode ser aprimorada, mas dificilmente aprendida.

A criatividade é a capacidade de inventar e imaginar. Não se aprende, mas pode-se ensinar a usá-la.

O talento, por sua vez, é a reunião de tudo isso.

Muitos excelentes jogadores brasileiros se destacam pela habilidade e/ou criatividade, mas não pela técnica. Parecem craques, mas não são.

(...)

---

<sup>42</sup>CAVALCANTI, KATIA B. Esporte para todos: um discurso ideológico. São Paulo: Ibrasa, 1984. Pg. 41.

A infância, segundo estudos científicos e a observação empírica, é a fase ideal para se descobrir e desenvolver a habilidade e a criatividade. Para isso, é necessário deixar o menino brincar com a bola. Sem regras. Divertir e sonhar com os encantos e a magia do futebol.

A infância não é o momento de se aprender a técnica. Nessa fase, ainda não existe uma estrutura psicomotora. A técnica deve ser ensinada na adolescência e nas categorias de base dos clubes. Servirá de sustentação para a manutenção e o aprimoramento da habilidade e da criatividade.

Hoje, os meninos, precocemente, tentam aprender a técnica nas escolinhas antes de descobrir a habilidade. Não aprendem uma coisa nem outra.”<sup>43</sup>.

O único defeito na brilhante colocação foi o fato do ex-jogador apenas mencionar os “meninos”. Afinal, meninas também podem possuir uma habilidade nata para o futebol, que pode ser trabalhada e utilizada por diversas equipes.

José Luís Fernandes, professor de educação física e técnico desportivo, afirma em seu livro que

“podemos resumir a estrutura do rendimento no futebol em algumas características bastante específicas:

- o espaço de jogo é muito grande, tanto para o jogador como para a equipe, exigindo assim uma grande capacidade física, principalmente em corridas;
- o fato de se jogar com os pés exige uma elevada capacidade técnica e tática;
- elevado nível de estabilidade psíquica dos jogadores em função do baixo número de êxitos quantitativos (gols) conseguidos durante uma partida;
- grande espírito de luta, devido ao pouco tempo em posse da bola durante um tempo tão grande de jogo<sup>44</sup>.”

Além dele, Hedergot, fala das qualidades mais importantes a predisposição do jogador de futebol para o esporte de rendimento, quais sejam:

- “1. Variabilidadsensomotriz, es decir, una diversificada y compleja aptitud y adaptabilidade de Imovimiento (por ejemplo: velocidade controlada);
2. Velocidad de reacción;
3. Capacidad de contacto (relación social);
4. Fortaleza nerviosa;

<sup>43</sup> TOSTÃO. Técnica, habilidade, criatividade. Folha de São Paulo, 2000.

<sup>44</sup> FERNANDES, José Luis. Futebol: ciência, arte ou – sorte! Treinamento para profissionais - alto rendimento, preparação física, técnica, tática e avaliação. São Paulo. EPU, 1994. (pg. 15-16).

### 5. Rapidez de decisión”.<sup>45</sup>

Pode-se perceber que, ambos os escritores, dão ênfase à necessidade do desenvolvimento da técnica e da tática de jogo. Para se obter o máximo rendimento, é necessário treinamento.

“Neste caso, o treinamento é tido como um conceito abrangente para todas as medidas do processo de aumento e manutenção do rendimento desportivo e, em alguns casos, também como meio necessário à redução. Isto é feito através de um processo sistemático de estímulos motores repetitivos, provocando as adaptações morfológicas e funcionais”<sup>46</sup>.

Ou seja, para ser um (a) bom(boa) atleta, é necessária a adaptação às condições de jogo, tanto preparação física quanto tática e técnica. Essa adaptação é uma capacidade básica do organismo humano, buscando sobreviver à determinadas situações.

Mediante treinamento, uma pessoa pode melhorar seu rendimento em competições, afinal há um desenvolvimento da capacidade pela melhora da condição física, técnica, tática e, até mesmo, psíquica<sup>47</sup>.

“Toda sua sistemática está baseada na ciência do treinamento, aliada a certa influência da arte, tanto por parte do treinador como do jogador. Do treinador, por possuir certas percepções que o diferem de outros no momento de escolher as melhores estratégias e aplicar seus conhecimentos, e do jogador, pelas suas qualidades inatas de habilidade, que o tornam capaz de encantar a todos pela maneira como desenvolve o seu potencial técnico, ‘sua arte de jogar’. Finalmente, como muitos pensam, aliada à ciência e à arte, é preciso também de um pouco ou até bastante sorte”<sup>48</sup>.

O que se pode apreender desse ponto levantado pelo Autor, é que, além das habilidades naturais do (a) jogador (a), é necessário que tenham um acompanhamento técnico, de modo a aperfeiçoar a habilidade mediante técnica e tática, previamente estudadas por alguém que sabe como fazê-lo.

José Luís Fernandes, citando Bauer e Buerle, conceitua treinamento como sendo um processo sistemático dirigido ao aperfeiçoamento desportivo que pretende desenvolver otimamente a capacidade e a disposição de jogo e de

---

<sup>45</sup> HEDDERGOT. Pg. 11.

<sup>46</sup> FERNANDES. Pg. 13.

<sup>47</sup> FERNANDES. Pg. 25.

<sup>48</sup> FERNANDES. Pg. 25.

rendimento, tendo em conta conhecimentos teóricos, experiência prática e todos os condicionantes pessoais, materiais e sociais.

A grande questão que se impõe se é possível desenvolver-se cada vez mais, mediante treinamento, mulheres também poderiam ser treinadas para que possam competir em termos de igualdade durante uma partida de futebol com homens.

Um detalhe a ser observado é que o treinamento deve ser adaptado a cada jogador. Deve-se levar em consideração as particularidades de cada um, considerando suas peculiaridades, seus pontos fortes e fracos<sup>49</sup>.

Um fato notável, é que quase todos os autores que tratam do futebol, e do esporte o geral, sempre utilizam palavras voltadas ao sexo masculino, quais seja, o jogador, o atleta, o menino, o jovem. Demonstrando que pouco se observa, ou se importam com o que as meninas podem fazer.

De todo modo, na modernidade diversas e profundas alterações vem ocorrendo no mundo do esporte, desfazendo-se a hegemonia dos grupos de pessoas que praticam esportes. E cada vez mais, grupos antes excluídos passam a exigir e forçar sua entrada nas modalidades desportivas, como é o caso das mulheres no futebol, trazendo consigo para o esporte sua destreza, competência, capacidade de desempenho e sua motivação em participar<sup>50</sup>.

Contudo, mesmo tendo sido abertas portas para que as mulheres pudessem adentrar ao mundo do esporte, aquelas modalidades que, culturalmente, foram consideradas masculinizadas, acabam por breicar o desenvolvimento e a atenção à modalidade feminina. Como é o caso no Brasil.

Com a deficiência dos campeonatos voltados às mulheres, e já considerando que no futebol o que importa é a habilidade, e a técnica desenvolvida mediante treinamento, individualizada para as particularidades de cada atleta<sup>51</sup>, não

---

<sup>49</sup> FERNANDES. Pg. 67

<sup>50</sup> COLEMAN. Pg. 20 [612]

<sup>51</sup> FERNANDES. Pg. 67.

haveria, pois, problemas que times, tradicionalmente masculinos, contratassem mulheres para iniciar um futebol misto.

Inclusive, deveria haver maior incentivo a que clubes iniciem trabalho de base com meninas, afinal, como citado anteriormente, o próprio ex-jogador, Tostão, afirmou que

“A infância, segundo estudos científicos e a observação empírica, é a fase ideal para se descobrir e desenvolver a habilidade e a criatividade. Para isso, é necessário deixar o menino brincar com a bola. Sem regras. Divertir e sonhar com os encantos e a magia do futebol.

A infância não é o momento de se aprender a técnica. Nessa fase, ainda não existe uma estrutura psicomotora. A técnica deve ser ensinada na adolescência e nas categorias de base dos clubes. Servirá de sustentação para a manutenção e o aprimoramento da habilidade e da criatividade”<sup>52</sup>.

Além dele, Fernandes também diz que importante considerar que o treinamento da técnica é um processo a longo prazo, e que suas bases devem ser buscadas nas categorias principiantes. É preciso ter em mente que os distintos níveis de rendimento exigem aplicações metodológicas especiais e diferentes entre si<sup>53</sup>.

Ou seja, mulheres e homens podem jogar em igualdade de condições mediante treinamento de técnica e tática, e de modo a aperfeiçoar suas habilidades natas.

A expressão “futebol é coisa para macho” ecoa sempre que o assunto futebol feminino surge nos espaços de socialização masculina, tais como rodas de bares, clubes e até mesmo nas escolas, refletindo a ideia de que o futebol é ainda um universo de hegemonia masculina e que a inserção das mulheres neste espaço significa uma ameaça a esta hegemonia<sup>54</sup>.

Quem dirá pensar-se em misturar homens e mulheres dentro de um mesmo campo de futebol. Geralmente, o que se ouviria é que não é possível, uma vez que os homens iriam machucar as mulheres por sua força física mais elevada,

---

<sup>52</sup> TOSTÃO. Técnica, habilidade, criatividade. Folha de São Paulo, 2000.

<sup>53</sup> FERNANDES. Pg. 67.

<sup>54</sup> RODRIGUES; DEVIDE. 2009.

ou que as mulheres não teriam resistência suficiente para suportar os 90 minutos de jogo.

Acontece que tais argumentos não podem ser sustentados. Jean Piaget, afirma que a espécie humana apresenta geneticamente possibilidades que podem ou não se atualizar em função da solicitação e interação do indivíduo com o seu meio ambiente. Em suas pesquisas ele não faz distinção entre sexos e chega a conclusão de que não há elementos que possam aferir aos homens maiores potencial cognitivo que ao das mulheres<sup>55</sup>.

Melhor que isto, para embasar a teoria de que mulheres podem sim jogar com homens, no mesmo nível técnico e físico é atentar-se à teoria darwiniana da evolução das espécies.

Na base da teoria evolucionista, Darwin afirmou que a luta pela vida faz com que as espécies se adaptem aos seus meios<sup>56</sup>. Ou seja, se passarmos a motivar meninas, desde pequenas a treinar e a evoluir no esporte, teremos atletas femininas com maiores chances de adentrar ao futebol masculino.

Atualmente têm-se diversos casos de meninas, que por demonstrarem habilidade e intimidade com a bola, acabam por encantar com seus movimentos e passes e que não teriam qualquer problema em dividir o campo com homens. Alguns exemplos serão tratados a seguir.

## **2 – Casos reais que demonstram a possibilidade de homens e mulheres jogarem juntos**

Para demonstrar que homens e mulheres poderiam entrar em campo conjuntamente, sem que houvesse problemas na modalidade esportiva, faz-se

---

<sup>55</sup> PIAGET. 1932.

<sup>56</sup> Nova enciclopédia Barsa. Vol. 5. Pg 73/74.

necessário demonstrar alguns casos e situações inusitadas mas que servem de grande exemplo de como o machismo que impera o esporte pode ser vencido.

## 2.1 – Caso Bruna Oliveira – Globo Esporte<sup>57</sup>.

Bruna Oliveira é uma menina de 15 anos de idade que, desde pequena, nutriu uma paixão pelo futebol. Aos 9 anos de idade iniciou uma “carreira” em um time pequeno de futebol de salão feminino. Mas o que Bruna queria mesmo era jogar futebol de campo. O grande problema que ela encontrava, é o mesmo que muitas outras meninas encontram, em sua cidade, Uberlândia, não havia times femininos.

A solução para Bruna foi entrar em uma equipe de futebol masculina, a equipe do Grêmio. Na reportagem em que se baseia esta parte do trabalho, a menina, que atua como meia-atacante revelou ter sofrido muito preconceito pelo fato de ser mulher. *“No começo tinha muito preconceito pela questão de ser mulher e todos serem homens. Daí eles não tocavam a bola pra mim com medo de me machucar ou de eu errar o passe. Mas com o tempo eu fui me enturmando e agora é como se eu fosse um homem mesmo para eles”*<sup>58</sup>.

Um dos meninos chega a afirmar ser difícil jogar com meninas, pois se sentem incumbidos de jogar com mais delicadeza, mas que na hora que a bola rola, o jogo acaba ocorrendo normalmente como deve ser. Leonardo Oliveira, volante da equipe em que Bruna treinava, chega a dizer que a menina é até melhor do que muitos meninos que jogam no time.

---

<sup>57</sup> Apaixonada por futebol, garota estreia como titular em time masculino. Globo Esporte. <http://globoesporte.globo.com/mg/triangulo-mineiro/noticia/2012/10/apaixonada-por-futebol-garota-estrea-como-titular-em-time-masculino.html>

<sup>58</sup> Apaixonada por futebol, garota estreia como titular em time masculino. Globo Esporte. <http://globoesporte.globo.com/mg/triangulo-mineiro/noticia/2012/10/apaixonada-por-futebol-garota-estrea-como-titular-em-time-masculino.html>

A cobrança por parte da comissão técnica, pelo empenho da jogadora é o mesmo destinado aos meninos. Inclusive na hora dos jogos, em que Bruna, que inicialmente era reserva, chegou a atuar como titular da equipe.

Um dos fatos que chama a atenção em uma das reportagens é que exaltam sua habilidade em campo, chegando a ser afirmado por um torcedor que “Ela deu um drible em um jogador que é difícil um menino fazer o que ela conseguiu”. Claramente um comentário refletido em uma cultura machista, afinal, o que importa se um menino pode fazer ou não? Ela fez, demonstrando sua garra pelo esporte.

Mesmo tendo a chance na pequena equipe do Grêmio de Uberlândia, a menina sonhava alto, com uma chance de um teste em um time de fora, para, quem sabe, conseguir seguir uma carreira de atleta profissional.

Em março de 2013, Bruna teve a chance de fazer um teste para uma equipe feminina em São José dos Campos, interior de São Paulo, tendo sido aprovada para as categorias sub-17 e sub-19. Esta equipe paulista havia sido campeã da Libertadores Feminino no ano de 2011, o que daria visibilidade à menina<sup>59</sup>.

João Carlos Lima, organizador de uma das competições de Uberlândia ressaltou que a ausência de equipes femininas fez com que a habilidade da menina fosse colocada para treinar junto aos meninos. Uma clara demonstração de que talentos como o dela, e que existem milhares Brasil afora, não podem ser desperdiçados pelo mero machismo e sexismo do esporte.

Atualmente, Bruna atua pela seleção feminina sub-17. E uma das coisas a que a menina é eternamente grata, é por ter tido a chance de mostrar seu potencial, em um primeiro momento, jogando em um time de meninos.

“Mas se hoje Bruna alcançou um marco na carreira, até pouco tempo ela entrava em campo com times de garotos, devido à vontade de atuar e seu talento acima da média.

---

<sup>59</sup> Menina que joga em time masculino de futebol de Uberlândia realiza sonho. Globo Esporte. <http://globoesporte.globo.com/mg/triangulo-mineiro/noticia/2013/03/menina-que-joga-em-time-masculino-de-futebol-de-uberlandia-realiza-sonho.html>.



Seu primeiro jogo como titular foi no Torneio Capotão, em Uberlândia. Atuando ao lado dos meninos, Bruna defendia na época o Grêmio, time da cidade. Ainda tímida, a menina se mostrava muito feliz pela oportunidade.

- Poder jogar de titular em um time que só tem homens para mim é o máximo – disse.”<sup>60</sup>

## 2.2 – Caso Thais Helena Prioli – Folha de São Paulo<sup>61</sup>.

Em 2003, Thais Helena Prioli, que na época tinha apenas 12 anos de idade, jogava pela Sabesp, uma equipe de futsal de São Paulo. Em uma situação extremamente constrangedora, o pai de um menino questionou ao técnico o porque de uma menina estar jogando e seu filho não.

Sentindo-se discriminada, apesar de ter sido defendida pelo técnico que afirmou que a menina “batia um bolão”, Thais preferiu deixar a equipe.

Mas como o futebol é a paixão da menina, a segunda vez que isso lhe aconteceria não sairia tão barato. A menina estava sendo impedida de competir no Campeonato Paulista pelo Itapetininga, e com o auxílio da Mãe e do São Paulo Center, entrou na Justiça requerendo seu direito de competir na modalidade.

Mesmo com a vitória, o preconceito se fez maior, e Thais foi suspensa pela Secretaria da Juventude, Esporte e Lazer do Estado de São Paulo, sob o argumento de que não existiriam competições mistas de futebol, e que esta mistura poderia expor a menina a constrangimentos.

Márcia, mãe de Thais, foi uma das pessoas que tiveram de superar preconceitos em nome da filha, que, aos cinco anos, contou que queria ser jogadora quando crescesse.

---

<sup>60</sup> Bruna Rosa: dos campinhos de terra de Uberlândia à Seleção Brasileira. Globo Esporte. <http://globoesporte.globo.com/mg/triangulo-mineiro/noticia/2013/09/bruna-rosa-dos-campinhos-de-terra-de-uberlandia-selecao-brasileira.html>

<sup>61</sup> O XX da Questão. Folha de São Paulo. Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/esporte/fk1909200302.htm>.

Em prol dos desejos da filha, ela abandonou o sonho de ver a garota dançando de sapatilhas ou cortando bolas de vôlei.

*Thais deu primeiros chutes no Sesi de Itapetininga. Começou entre as meninas, mas gostava mesmo era de assistir aos treinos masculinos e de aproveitar os intervalos para bater bola sozinha.*

*Sua habilidade chamou a atenção do professor, que procurou Márcia e pediu autorização para colocá-la entre os meninos.*

*"Ela é uma menina diferente das outras. Praticamente nasceu em um campo", afirma Mario de Mello Jr., seu atual treinador. "Além de ter uma visão de jogo muito boa, não tem preconceito de jogar com os meninos e consegue impor respeito. Só falta ser menos preguiçosa para marcar."*

*A habilidade de Thais não encontra respaldo genético. Segundo a mãe, ninguém na família jamais se interessou em jogar futebol. Nem seu outro filho, Hugo, 23, que mora com as duas.*

Em campo a menina mostrava que o fato de ser a única menina e não ter antecedentes "boleiros" não a tornam mais frágil. Muito pelo contrário. A chance de perdê-la deixou em pânico seus colegas de treino.

Canhota e ponta-esquerda, Thais era a cobradora de escanteios e costuma ouvir nos treinos incentivos para fazer gols olímpicos.

*Além de poderem perder uma das peças fundamentais do time, os meninos ficaram revoltados com o que consideram preconceito. Para eles, não há diferença entre Thais e os outros jogadores.*

*Talvez só haja uma, o fato de ela ser quase um mascote e uma "arma secreta". "A gente nunca pensou se ela é menina ou não. Ela joga bem, gostamos dela. É isso que importa", disse Ivan de Jesus.*

*"Os outros times olham e acham que será fácil ganhar o jogo só porque ela é menina. Mas, depois, na hora da partida, eles veem o que é bom para tosse", brinca o atacante de 12 anos.*

*Quando está em campo, Thais só se diferencia dos companheiros por causa dos cabelos.*

*Vaidosa, ela deixou os elásticos e adotou uma faixa na cabeça para não quebrar os fios, que quer deixar mais compridos. Mais bonita, ainda faz sucesso com seus paqueras, que sempre têm a mesma ligação que ela com o futebol.*

*A paixão da menina pelo esporte está estampada por todas as paredes de sua casa, principalmente nas da garagem, que a mãe já desistiu de pintar de branco para cobrir as marcas de bola.*

*No quarto, decorado em tons de rosa, dividem o mesmo espaço dezenas de bichinhos de pelúcia e medalhas, pôsteres, fotos e adesivos do São Paulo e de Kaká.*

*Do clube do Morumbi, Thais guarda a recordação das três vezes em que foi mascote do time, em excursões organizadas por sua equipe, que é uma franquia das escolinhas de futebol do São Paulo. Em uma delas, deu azar e perdeu o título paulista deste ano para o Corinthians. Para piorar, não conheceu seu ídolo. Deu azar: Kaká, machucado, não jogou.*

*Thais sonha em vestir a camisa tricolor, mas sabe que o futebol feminino não recebe aqui o mesmo incentivo de outros países.*

*Para tentar viver da bola, já vasculha a internet em busca de informações sobre os times do exterior e planeja a aposentadoria: quer estudar fisioterapia. "Aí eu vou poder continuar no campo, trabalhando com o futebol."<sup>62</sup>*

A situação vivida por Thais, de ganhar na justiça o direito de jogar, mas ser suspensa por não existirem competições mistas, mesmo que no regulamento não conste sequer ser um evento exclusivo para meninos, demonstra, mais uma vez, o machismo que impera no meio esportivo.

---

<sup>62</sup> O XX da Questão. Folha de São Paulo. Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/esporte/fk1909200302.htm>.

A menina, conforme relatos dos técnicos e companheiros de equipe, tinha tudo para ser uma boa jogadora entre os homens, mas não pode exercer seu direito, por um preconceito desfundamentado.

### 2.3 - CASO MAURINE E AS MENINAS DA SELEÇÃO

No início de 2013, um caso interessante veio a tona. Diversas jogadoras que foram destaques da Seleção, seja a principal ou sub-20, passaram apertos financeiros no início de 2013. As atletas estavam atuando pelo Centro Olímpico, time de São Paulo, quando houve uma mudança na gestão na prefeitura, e as atletas da equipe feminina ficaram meses sem receber nem um real sequer<sup>63</sup>.

Algumas das principais jogadoras da Seleção Brasileira de futebol feminino ficaram sem receber salários em 2013, a três anos das Olimpíadas do Rio de Janeiro. Continuaram a treinar e levaram o time do Centro Olímpico, de São Paulo, até as semifinais da Copa do Brasil – enquanto paralelamente se encarregavam de buscar (por conta própria) novas parcerias para a equipe, que perdeu o suporte financeiro de seus quatro patrocinadores com a mudança de gestão municipal e ainda convive com a ameaça de deixar de existir.

“Isso tem nos afetado muito. Sobrevivemos do futebol. Muitas vezes, nossas famílias dependem da gente. Nossas contas estão atrasadas. Alguns projetos, como estudar, foram adiados. Tudo está sendo prejudicado pela falta de patrocínio e, conseqüentemente, de salários”, desabafou a jovem volante Esterzinha, bicampeã sul-americana sub-20 pela Seleção Brasileira (2008 e 2010), em entrevista para a Gazeta Esportiva.net. “O fim do Centro Olímpico está perto. Se não conseguirmos mais patrocinadores, perderemos jogadoras e a equipe poderá acabar. Estamos temerosas.”<sup>64</sup>

Ouso citar, ainda, a jogadora Maurine, que na última edição dos Jogos Olímpicos, foi destaque por sua feminilidade, por não perder o charme mesmo usando um calção de futebol, e era uma das meninas do Centro Olímpico que passaram por aperto. Inclusive, a atleta, para mostrar que mulheres que jogam

<sup>63</sup> Atletas de Seleção buscam apoio para receber salários e manter time. Disponível em <http://centroolimpicofutfem.wordpress.com/category/noticias/>. Site oficial da equipe.

<sup>64</sup> Atletas de Seleção buscam apoio para receber salários e manter time. Disponível em <http://centroolimpicofutfem.wordpress.com/category/noticias/>. Site oficial da equipe.

futebol podem ser belas e femininas, posou para um ensaio sensual ao final de 2012.

## 2.4 – O drama do fim das Sereias da Vila

Outras atletas que viveram um enorme drama, foram as que representavam a equipe do Santos, conhecidas como “As Sereias da Vila”. A equipe santista entrou no mercado de futebol feminino com muita força, trazendo grandes nomes do futebol feminino para atuar por sua camisa, como a 4 vezes eleita melhor do mundo, Marta. Mas um feito inesperado mudou o rumo das coisas.

Em 2012 o Santos não conseguiu suportar a carga financeira e acabou com a equipe feminina:

“Apesar da luta do diretor da modalidade, Murilo Barletta, o clube já deu a atividade como encerrada. Sem patrocinador, o Peixe alega que não consegue manter o custo operacional das Sereias da Vila, que, conforme o LANCENET! já noticiou, gira em torno de R\$ 1,5 milhão por ano<sup>65</sup>”.

Essa manobra, deixou várias atletas desempregadas, chegando ao cúmulo das atletas implorarem por ajuda aos jogadores, e até mesmo ex-jogadores, da equipe masculina do Santos<sup>66</sup>.

Alguns dos pedidos desesperados, que merecem destaque são o de:

Barbara Kulaif,

- @elano\_blumer @NeyJunior\_92 Que tal vocês nos ajudarem? Nos Sereias também temos sonhos, e muitos deles, igual ao de vocês! (sic).

Janaína (zagueira)

<sup>65</sup> Sereias da Vila imploram ajuda a Neymar, Elano e Neto no Twitter. Disponível em <http://extra.globo.com/esporte/sereias-da-vila-imploram-ajuda-neymar-elano-neto-no-twitter-3558634.html>.

<sup>66</sup> Sereias da Vila imploram ajuda a Neymar, Elano e Neto no Twitter. Disponível em <http://extra.globo.com/esporte/sereias-da-vila-imploram-ajuda-neymar-elano-neto-no-twitter-3558634.html>.

- @10neto não sei de ADRIANO. Mas só sei que @sereiasdavila da vila acabou. Dá uma força aí pra gente do futebol feminino e pra Sereias (sic)

Giovanna (atacante)

- @futebolmeninas eu sou uma das Sereias da vila, nos jogamos com muito amor, ainda vão se arrepender muito por não ter nos dado valor! (sic) - lamentou, em tom de insatisfação.

O que se questiona é, como o Santos diz não poder gastar 1,5 milhão ao ano com as Sereias da Vila, mas pode gastar, praticamente, o mesmo valor mensalmente para pagar o salário de jogadores da equipe masculina?

### **3 – A legislação Brasileira e Internacional como fundamentos para o futebol misto**

Além dos exemplos citados, existem diversos casos que não são retratados, ou que não ganham qualquer visibilidade. E muitas meninas, extremamente talentosas, acabam deixando de lado um sonho maravilhoso de ser uma atleta profissional, e dar ao mundo o encanto do seus dons.

Necessário se faz demonstrar que a própria legislação não traz proibições para jogos mistos, sendo isso uma mera invenção da moralidade machista implementada ao longo dos séculos. Pelo contrário, a legislação traz em si a isonomia de direitos, independente de raça, sexo, religião.

#### **3.1 – A Constituição Federal, de 1988.**

Nossa Carta Magna, de 1988, logo em seu Preâmbulo, alude à igualdade como valor supremo de uma sociedade fraterna, pluralista e sem preconceitos,

fundada na harmonia social, e traça como objetivo a redução das desigualdades sociais e regionais e a promoção do bem de todos, sem preconceitos de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação (art. 3º, incisos III e IV)<sup>67</sup>.

Em vários dispositivos está estampado este princípio da isonomia. É o caso, por exemplo, do "caput" do art. 5º (*"Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade..."*) e de seus incisos I (*"homens e mulheres são iguais em direitos e obrigações, nos termos desta Constituição"*) e XLII (*"a prática do racismo constitui crime inafiançável e imprescritível, sujeito à pena de reclusão, nos termos da lei"*)<sup>68</sup>.

Além deste, temos o art. 7º, que em seu *caput* garante a trabalhadores urbanos e rurais os mesmos direitos. Deste artigo, destacam-se diversos incisos quanto à proteção do trabalho da mulher e a vedação de discriminação no mercado de trabalho.

São os casos dos incisos XX, (proteção do mercado de trabalho da mulher, mediante incentivos específicos, nos termos da lei), XXX ("proibição de diferenças de salários, de exercício de funções e de critério de admissão por motivo de sexo, idade, cor ou estado civil"), XXXII ("proibição de distinção entre trabalho manual, técnico e intelectual ou entre os profissionais respectivos")<sup>69</sup>.

Somente a utilização destes incisos já seria o suficiente para garantir que mulheres e homens dividissem o mesmo campo de futebol durante partidas profissionais, uma vez que, constitucionalmente, não se admite a diferenciação de gênero para o ingresso no mercado de trabalho.

Essa igualdade perante a lei, significa dizer que todos ser humano deve ser tratado de maneira igualitária, ou seja, a lei deve ser aplicada de modo igual a cada um dos indivíduo que compõe uma sociedade.

---

<sup>67</sup> LOPES, Otavio.

<sup>68</sup> Idem.

<sup>69</sup> Constituição Federal da República, de 1988.

Otávio Brito Lopes, membro do conselho superior do MPT, insiste que ainda hoje existem dúvidas acerca do conteúdo material deste princípio da igualdade.

“Hoje em diáspora muitas dúvidas sobre o seu conteúdo material, não sendo suficiente para o descortino do tema a célebre sentença aristotélica, ainda hoje repetida, de que a igualdade consiste em tratar igualmente os iguais e desigualmente os desiguais. É preciso que axioma Aristotélico seja encarado como ponto de partida e não como ponto de chegada para aqueles que pretendem debruçar sobre o conteúdo do princípio constitucional sob análise, pois restará ainda a indagação: quem são os iguais e quem são os desiguais?”<sup>70</sup>

### 3.2 – Convenção nº 111 da Organização Internacional do Trabalho (OIT)

Esta convenção, ratificada pelo Brasil, fixou alguns parâmetros para auxiliar na resolução de problemas que envolvam a discriminação no trabalho. Em seu art. 1º, a Convenção prevê que discriminação é

a) toda distinção, exclusão ou preferência com base em raça, cor, sexo, religião, opinião política, nacionalidade ou origem social, que tenha por efeito anular ou reduzir a igualdade de oportunidade ou de tratamento no emprego ou profissão;

b) qualquer outra distinção, exclusão ou preferência, que tenha por efeito anular ou reduzir a igualdade de oportunidade ou tratamento emprego ou profissão, conforme pode ser determinado pelo país-membro concernente, após consultar organizações representativas de empregadores e de trabalhadores, se as houver, e outros organismos adequados<sup>71</sup>.

Um dos principais fatores de discriminação no mercado brasileiro é justamente a entrada das mulheres com melhores condições de emprego. Lopes afirma que as mulheres representam metade da população mundial e mais da terça parte da população ativa no mundo.

---

<sup>70</sup> LOPES, Otavio.

<sup>71</sup> LOPES, Otavio.



### **3.3 – Lei 9.029, de 1995.**

Especificamente para lidar com a discriminação no trabalho, a Lei 9.029, de 13 de abril de 1995, prevê em seu art. 1º

Art. 1º Fica proibida a adoção de qualquer prática discriminatória e limitativa para efeito de acesso a relação de emprego, ou sua manutenção, por motivo de sexo, origem, raça, cor, estado civil, situação familiar ou idade, ressalvadas, neste caso, as hipóteses de proteção ao menor previstas no inciso XXXIII do art. 7º da Constituição Federal.<sup>72</sup>

Esta Lei pune criminalmente práticas discriminatórias e limitativas do acesso e permanência no emprego por motivos de sexo, origem, raça, cor, estado civil, situação familiar ou idade.

### **3.4 – Lei 9.615, de 1998 - Lei Pelé.**

A 9.615, de 24 de março de 1998, mais conhecida como Lei Pelé, foi criada no intuito de regular a prática desportiva no Brasil. Para isto, em seu art. 1º, a lei prevê que o desporto brasileiro abrange tanto práticas formais quanto não formais e que estas devem obedecer os aspectos gerais da lei. Além disto, destaca que as normas gerais que a compõe foram inspiradas nos fundamentos constitucionais do Estado Democrático de Direito.

Ainda em seu cerne, a Lei Pelé afirma que as práticas desportivas formais, são reguladas pela norma interna, por normas internacionais e ainda pelas normas particulares de cada modalidade, desde que aceitas pelas respectivas entidades nacionais de administração do desporto<sup>73</sup>.

---

<sup>72</sup> Lei 9.029/95. Disponível em [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/l9029.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9029.htm)

<sup>73</sup> Lei 9.615/98. Disponível em [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/l9615consol.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9615consol.htm).

Pode-se observar que nesta Lei não há qualquer menção a diferenciação das modalidades por sexo. O que está previsto são as formas como o esporte pode se apresentar, tais como profissional, lúdico, amador.

### **3.5 – FIFA – Regulamentos do Futebol.**

Como o futebol é um esporte universal, praticado em todos os lugares do mundo, pelas mais distintas pessoas. Foi necessário que se criasse uma organização que pudesse copilar os regulamentos do jogo de modo a que estas regras sejam interpretadas e aplicadas de modo uniforme no mundo inteiro.

A FIFA é o órgão máximo do futebol. Todos os anos, a Federação se reúne para atualizar as Regras do Jogo (ReglasdelJuego<sup>74</sup>). Através disto é que ocorre a capacitação da arbitragem, para que seu rendimento seja cada vez melhor, e para que as regras possam ser interpretadas da mesma forma em todo o mundo<sup>75</sup>.

Ou seja, a missão da FIFA é que haja uniformidade no jogo, sem distinções entre seus praticantes.

Assim como na Lei Pelé, os regulamentos da FIFA não trazem qualquer tipo de discriminação quanto ao sexo dos praticantes, ou quanto ao fato de o futebol ser dividido entre categorias masculina e feminina. A única parte do regramento do futebol, que fala sobre mulheres, é quando afirma que os termos utilizados no masculino devem ser entendidos como comum de dois gêneros.

Hombres y mujeres

Toda referencia al género masculino en las Reglas de Juego por lo que respecta a árbitros, árbitros asistentes, jugadores o

<sup>74</sup> ReglasdelJuego.

Disponível

em

[http://es.fifa.com/mm/document/footballdevelopment/refereeing/81/42/36/log2013es\\_spanish.pdf](http://es.fifa.com/mm/document/footballdevelopment/refereeing/81/42/36/log2013es_spanish.pdf).

<sup>75</sup> FIFA <http://es.fifa.com/aboutfifa/footballdevelopment/technicalsupport/refereeing/mission.html>

funcionarios oficiales equivaldrá (para simplificar la lectura) tanto a hombres como a mujeres<sup>76</sup>.

Se a própria FIFA, que, conforme dito anteriormente, é o órgão máximo do futebol, descrimina que homens e mulheres devem jogar separadamente, o único motivo que consegue-se ver para que isto não ocorra são os impedimentos morais.

### 3.6 – CBF – Regulamento do Futebol.

A Confederação Brasileira de Futebol (CBF), tem o dever de regular a prática do futebol no Brasil. Assim como a FIFA, elabora um documento anual contendo as principais alterações quanto ao jogo de futebol.

Há somente duas menções às mulheres no último documento lançado. A primeira menção é de que, em tratando-se de determinadas categorias, são permitidas algumas alterações na estrutura do jogo.

#### Modificações

Desde que haja aprovação das associações-membro e sempre que sejam respeitados os princípios fundamentais, as Regras de Futebol poderão ser modificadas e adaptadas para partidas disputadas por menores de 16 anos, equipes femininas, jogadores veteranos (maiores de 35 anos) e jogadores com deficiência física<sup>77</sup>.

A segunda referência é exatamente a tradução do documento da FIFA.

#### Homens e Mulheres

Toda referência ao gênero masculino nas Regras de Futebol, tais como árbitros, árbitros assistentes, jogadores ou funcionários oficiais equivalerá tanto a homens como a mulheres (para simplificar e facilitar a compreensão)<sup>78</sup>.

<sup>76</sup> Reglas del Juego.

Disponível

em

[http://es.fifa.com/mm/document/footballdevelopment/refereeing/81/42/36/log2013es\\_spanish.pdf](http://es.fifa.com/mm/document/footballdevelopment/refereeing/81/42/36/log2013es_spanish.pdf).

<sup>77</sup> Regras do Jogo. CBF. Pg. 5 Disponível em <http://imagens.cbf.com.br/201211/361738111.pdf>.

<sup>78</sup> Idem.

Ou seja, até o presente momento, não foi possível localizar uma legislação sequer que vede à prática de futebol entre homens e mulheres, em uma mesma equipe.

Reconhece-se que existem as duas modalidades, mas que estas, em questões de regras se confundem. Confusão esta que não ocorre na hora de contratar uma mulher para uma equipe masculina, ensejando clara discriminação com a mulher.

### **3.7 – Word Conference on Women and Sport - IWG (Conferência mundial sobre a mulher e o esporte)**

Por último, mas não menos importante, a Word Conference on Women and Sport merece um pouco de atenção. Esta convenção realizará, em 2014, sua 6ª edição, em Helsinkl, Finlândia.

De sua primeira edição, em 1994, Brighton, Inglaterra, nasceu a Declaração de Brighton Sobre a Mulher e o Esporte. Este encontro reuniu responsáveis das políticas desportivas do mundo, tendo sido organizada pelo British Sports Council (Concelho Britânico do Esporte) com forte apoio do Comitê Olímpico Internacional. O principal foto foram meios de acelerar o processo de transformação dos desequilíbrios que as mulheres enfrentam ao participar do esporte<sup>79</sup>.

Seu conteúdo foi aprovado pelos 280 delegados, vindos de 82 países, e representantes de organizações governamentais e não-governamentais, bem como por comitês olímpicos nacionais, federações desportivas internacionais e nacionais, além de instituições dedicadas a educação.

---

<sup>79</sup>Declaración de Brighton sobre la Mujer y el Deporte. Disponível em [http://www.iwg-gti.org/@Bin/37732/Brighton+Declaration\\_Espa%C3%B1ol.pdf](http://www.iwg-gti.org/@Bin/37732/Brighton+Declaration_Espa%C3%B1ol.pdf)

Com a Declaração foram fixados os princípios que hão de reger as ações com a finalidade de incrementar a participação feminina no desporto em todos os níveis e funções.

Para alcançar seus objetivos, a Convenção estabeleceu uma série de princípios, tendo como principal foco o desenvolvimento de uma cultura desportiva que permita y valorize a plena participação das mulheres em todos os aspectos do esporte.

## “2. OBJETIVOS

El objetivo predominante es el desarrollo de una cultura deportiva que permita y valore la plena participación de las mujeres en todos los aspectos del deporte.

Em interés de la igualdad, del desarrollo y de la paz, las organizaciones gubernamentales y no gubernamentales y todas las instituciones interesadas por el deporte han de comprometerse a aplicar los Principios presentados en esta Declaración, com el desarrollo de políticas, estructuras y mecanismos apropiados que:

- ☐ aseguren a todas mujeres y chicas la oportunidad de participar em el deporte enun ambiente seguro, que les apoye, y que conserve los derechos, la dignidad y el respeto del individuo;
- ☐ incrementen la participación feminina em el deporte a todos niveles y en todas las funciones y roles.
- ☐ garanticen que los conocimientos, las experiencias y los valores de las mujeres contribuyen al desarrollo del deporte;
- ☐ fomenten el reconocimiento de la participación feminina em el deporte como contribución a la vida de todos, al desarrollo de la comunidad, y a la construcción de naciones sanas;
- ☐ animen a las mujeres a reconocer el valor intrínseco del deporte y su contribución al desarrollo personal y a una vida sana”<sup>80</sup>.

Além dos objetivos, a Declaração elenca diversos princípios que devem ser observados pelos governos e pelas sociedade. A grande maioria dos princípios é baseado no Princípio da Igualdade, já comentando anteriormente. Mas um dos princípios que merece destaque é quando se fala no esporte de alto nível.

---

<sup>80</sup>Declaración de Brighton sobre laMujer y el Deporte. Pg. 2. Disponível em [http://www.iwg-gti.org/@Bin/37732/Brighton+Declaration\\_Espa%C3%B1ol.pdf](http://www.iwg-gti.org/@Bin/37732/Brighton+Declaration_Espa%C3%B1ol.pdf)

## 5. EL DEPORTE DE ALTO NIVEL

a. Los gobiernos y las organizaciones deportiva shan de aplicar el principio de la igualdad de oportunidades para permitir a las mujeres alcanzar su potencial de actuación deportiva, asegurándoles que todas actividades y todos programas relacionados com el mejoramiento de la actuación tenga nencuenta las necesidades específicas de las atletas.

b.Las personas que apoyan a los atletas élite y/o profesionales han de asegurar que las oportunidades de competir, los premios, los incentivos, el reconocimiento, el patrocinio, la promoción, y otras formas de apoyo estén provistos justa y equitativamente, tanto a las mujeres como a los hombres<sup>81</sup>.

Isso demonstra, que o desejo da Conferência, e daqueles que dela participaram, é o de implementar a máxima de todos serem iguais e merecem ter oportunidades iguais diante da profissão escolhida. E para isso deve ser assegurado às mulheres os mesmo benefícios e oportunidades que são destinadas aos homens atletas.

Os outros 4 encontros da Conferência, Windhoek (1998), Montreal (2002), Kumamoto (2006) e Sydney (2010) tiveram como foco aprimorar os ideais traçados em 1994 e atualiza-los para as circunstancias atuais.

Diversos direitos vem sendo conquistados pelas mulheres nos esportes, principalmente nos ideais da Declaração de Brighton. Porém, muita coisa ainda deve ser feita. No Brasil, por exemplo, homens e mulheres não estão nem próximo de ter uma isonomia de oportunidades quando se fala em futebol, e por tal motivo se faz necessário que o princípio da igualdade seja respeitado e homens e mulheres possam dividir o mesmo campo, tocando a mesma bola, demonstrando que não haver qualquer limitação que impeça as mulheres de darem um “show de bola” junto aos homens.

---

<sup>81</sup>Declaración de Brighton sobre la Mujer y el Deporte. Pg. 3. Disponível em [http://www.iwgti.org/@Bin/37732/Brighton+Declaration\\_Espa%C3%B1ol.pdf](http://www.iwgti.org/@Bin/37732/Brighton+Declaration_Espa%C3%B1ol.pdf). Tradução livre:

5. O Esporte de Alto nível  
a) Os Governos e as Organizações desportivas devem aplicar o princípio da igualdade de oportunidades para permitir às mulheres alcançar seu potencial de atuação desportiva, assegurando-lhes que todas as atividades e todos os programas relacionados com o melhoramento da atuação levem em conta as necessidades específicas das atletas.

b) As pessoas que apoiam os atletas elite e/ou profissionais devem assegurar que as oportunidades de competir, os prêmios, os incentivos, o reconhecimento, o patrocínio, a promoção e outras formas de apoio estejam previstos justa e equitativamente, tanto às mulheres como aos homens.

## CONCLUSÃO

“Os proletários fizeram a revolução na Rússia, os negros no Haiti, os indochineses bateram-se na Indo-China: a ação das mulheres nunca passou de uma agitação simbólica; só ganharam o que os homens concordaram em lhes conceder; elas nada tomaram; elas receberam. Isso porque não têm os meios concretos de se reunir em uma unidade que se afirmaria em se opondo. Não têm passado, não têm história, nem religião própria; não têm, como os proletários, uma solidariedade de trabalho e interesses; não há sequer entre elas essa promiscuidade espacial que faz dos negros dos E.U.A., dos judeus dos guetos, dos operários de Saint-Denis ou das fábricas Renault uma comunidade. Vivem dispersas entre os homens, ligadas pelo habitat, pelo trabalho, pelos interesses econômicos, pela condição social a certos homens — pai ou marido — mais estreitamente do que as outras mulheres. Burguesas, são solidárias dos burgueses e não das mulheres proletárias; brancas, dos homens brancos e não das mulheres pretas. O proletariado poderia propor-se o trucidamento da classe dirigente; um judeu ou um negro fanático poderiam sonhar com possuir o segredo da bomba atômica e constituir uma humanidade inteiramente judaica ou inteiramente negra: mas mesmo em sonho a mulher não pode exterminar os homens. O laço que a une a seus opressores não é comparável a nenhum outro. A divisão dos sexos é, com efeito, um dado biológico e não um momento da história humana.”<sup>82</sup>

Quando escolhi esse tema para minha monografia, meus pais alertaram: “Filha, você não acha que é um tema muito difícil? Escolha um mais fácil!”. Opinião que foi ratificada por colegas e outros familiares. Entretanto, o Direito, que é senão o sonho dos que almejam justiça? Dos que estão dispostos a resolverem conflitos usando a lei?

O fato de não ter conseguido encontrar, informação acadêmica pertinente ao futebol feminino, especialmente no Brasil, é bastante significativo. Não posso afirmar que esta informação não existe, mas com certeza, se existe, não está acessível ao público. Ao contrário, pesquisando futebol sem outro adjetivo, encontrei livros acadêmicos e acessei mais de cem teses de mestrado/doutorado no banco de dados da CAPES ([dominiopublico.gov.br](http://dominiopublico.gov.br)), descobrindo que há sim um adjetivo, só que oculto: futebol masculino. Esse fato em si, é mais um demonstrativo de como está entranhado na nossa sociedade brasileira a coisa do “futebol não é coisa de menina”.

---

<sup>82</sup> Beauvoir, Simone – O segundo sexo – p. 13

Assim, a primeira conclusão é que o Brasil, país do futebol, está muito atrasado no quesito futebol feminino relativamente ao primeiro mundo.

Nos Estados Unidos o futebol (soccer) é tido como um esporte feminino, uma vez que não há violência o suficiente para considerá-lo como de exclusividade de homens. Entretanto, nesse mesmo país, o Futebol Americano, o *Baseball*, o Basquete e o *Rugby*, por serem considerados esportes de contato, e, portanto, altamente violentos são tidos como de prática 'exclusiva' de homens, com irrisórias ocorrências de equipes femininas, mas em competições apartadas e sem a mesma divulgação.

“Em terra do «Tio Sam», o futebol é literalmente um jogo para meninas, e os jogos para homens são o beisebol, o basquetebol ou o hóquei sobre gelo...”<sup>83</sup>

Essa experiência americana, inversa à nossa, onde o sucesso é o futebol feminino, aliado ao fato de que, na Europa, os times femininos de futebol estão cada vez mais expressivos e com maior público, demonstra que o futebol feminino é viável, enquanto que, no Brasil, as mulheres que hoje, lutam para sobreviver como atleta do futebol. Aquelas poucas que tentam a sorte por aqui acabam encontrando muitas dificuldades. O país do futebol deixa muito a desejar quando se fala em futebol feminino. Primeiramente pelo fator midiático. O futebol feminino não consegue ficar em evidência na mídia, associado ao baixo investimento estatal e empresarial.

Enquanto não se mudar isso, teremos diversas atletas brasileiras, que poderiam ser grandes nomes no futebol do país, deixando o território nacional no intuito de se profissionalizar e trabalhar no exterior.

Por outro lado, com relação à legislação, demonstrou-se que toda a legislação brasileira rumo para a igualdade de direitos entre homens e mulheres. Portanto, não há qualquer impedimento legal para o acesso feminino sejam

---

83

Disponível em [http://files.comunidades.net/gdcadosfrancos/2013.05.01\\_\\_A\\_historia\\_do\\_futebol\\_feminino\\_1.pdf](http://files.comunidades.net/gdcadosfrancos/2013.05.01__A_historia_do_futebol_feminino_1.pdf) acessado em 18.11.2013.



contratadas por equipes de futebol tradicionais, ou seja, masculinas. Afinal, o que se preconiza é a técnica e a habilidade no esporte e não sua beleza.

Assim, em não havendo impedimentos visíveis, entendemos que o único empecilho para as mulheres atletas terem acesso ao mercado de trabalho do futebol profissional é só preconceito, discriminação. Para demonstrar isso, façamos um jogo: levando em consideração o conhecimento que se adquire por meio dos noticiários, quem pode citar o nome de 10 jogadoras de futebol que vivem disso? Quem pode citar o nome de uma única jogadora que receba perto de milhão por mês? Agora, quem pode citar mais de um nome de jogador, homem, de futebol que ganha mais que um milhão por mês? Percebem o grande fosso que há entre as mulheres e os homens atletas do futebol?

Se o problema é só discriminação de gênero, porque não adotar a política que vem sendo implantada para resolver problemas similares como o acesso dos negros ao ensino superior, das mulheres aos partidos políticos? Ou seja, estabelecer um número mínimo de contratação obrigatória de atletas femininas para os clubes de futebol.

Enquanto isso, os homens podem se profissionalizar e ter a chance de viver o “sonho de todo menino” de se tornar um jogador de futebol, ganhando para fazer aquilo que ama; enquanto as meninas têm de abandonar o sonho, sem sequer ter tido a chance de mostrar que tem talento.

Por fim, inexistindo motivos legais ou físicos para a participação feminina no futebol, de forma individual ou mista, só resta uma explicação: falta de oportunidades, para o quê o Estado já possui mecanismo de redução da desigualdade!

Assim, concluo expressando o significado desse trabalho para mim: proveu-me de uma percepção mais concreta da amplitude do Direito e dos caminhos das advogadas e advogados. Eis que vi um ordenamento jurídico que afirma e confirma a igualdade dos gêneros. Eis que vejo uma realidade social tão diferente à minha volta. Contudo, estou transbordando de admiração e gratidão, por tantas mulheres maravilhosas que transformaram a sociedade muito mais igualitária que

vivo hoje, inspirando-nos a prosseguir, sem deixar “cair a bola”, abrindo mais caminhos para que um dia, nossos filhos e filhas possam dizer: somos iguais em direitos e obrigações **e temos as mesmas OPORTUNIDADES!**

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMARAL, Grazielle Alves. **Os desafios da Inserção da Mulher no Mercado de Trabalho**. Revista ItinerariusReflectiones – UFG vol.2 – n. 15 – 2012.

ARAUJO FILHO, Wilson – **Futebol Brasileiro: a Trajetória do Jogador Profissional e o fim de sua Carreira**. PUC-SP. Disponível em [dominiopublico.gov.br](http://dominiopublico.gov.br)

BEAUVOIR, Simone. O segundo sexo. Verdades e Mitos.

BECKER, Laércio. **A primeira partida de futebol feminino no Brasil**. Disponível em <http://www.campeoesdofutebol.com.br/especial44.html> acessado em 18.11.2013.

CASTELLARI, Ademir Angelo – **O tradicional e o Moderno no Futebol Brasileiro: do moderno e de elite a uma moderna elitização**. PUC-SP. disponível em [dominiopublico.gov.br](http://dominiopublico.gov.br)

CAVALCANTI, KATIA B. **Esporte para todos: um discurso ideológico**. São Paulo: Ibrasa, 1984.

FERNANDES, José Luis. **Futebol: ciência, arte ou – sorte! Treinamento para profissionais - alto rendimento, preparação física, técnica, tática e avaliação**. São Paulo. EPU, 1994. (pg. 15-16).

FRANZINI, Fábio. **Futebol é “coisa para macho”? Pequeno esboço para uma história das mulheres no país do futebol**. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/rbh/v25n50/28282.pdf>.

GIULIANOTTI, Richard – **Sociologia do Futebol – Dimensões históricas e socioculturais do esporte das multidões**. São Paulo. Nova Alexandria. 2002.

MANHÃES, E. D. **Política de Esportes no Brasil**. Rio de Janeiro: Graal, 1986.

Ministério dos Esportes- **A Origem dos jogos Olímpicos** .  
<http://brasil2016.gov.br/pt-br/olimpiadas/historia/origem>.

Apaixonada por futebol, garota estreia como titular em time masculino.  
**Globo Esporte.** <http://globoesporte.globo.com/mg/triangulo-mineiro/noticia/2012/10/apaixonada-por-futebol-garota-estrela-como-titular-em-time-masculino.html>

**Atletas de Seleção buscam apoio para receber salários e manter time.** Disponível em <http://centroolimpicofutfem.wordpress.com/category/noticias/>. Site oficial da equipe.

Bruna Rosa: dos campinhos de terra de Uberlândia à Seleção Brasileira.  
**Globo Esporte.** <http://globoesporte.globo.com/mg/triangulo-mineiro/noticia/2013/09/bruna-rosa-dos-campinhos-de-terra-de-uberlandia-selecao-brasileira.html>.

COLEMAN, J. A. **Esporte: Sociologia da Religião**. Petrópolis. Vozes. 1989.

**Declaración de Brighton sobre la Mujer y el Deporte.** Disponível em [http://www.iwg-gti.org/@Bin/37732/Brighton+Declaration\\_Espa%C3%B1ol.pdf](http://www.iwg-gti.org/@Bin/37732/Brighton+Declaration_Espa%C3%B1ol.pdf)

**A história do futebol feminino.** Grupo Desportivo cultural A-dos-Francos. Disponível em [http://files.comunidades.net/gdcadosfrancos/2013.05.01\\_\\_A\\_historia\\_do\\_futebol\\_feminino\\_1.pdf](http://files.comunidades.net/gdcadosfrancos/2013.05.01__A_historia_do_futebol_feminino_1.pdf). (anexo)

**Mulheres vão à luta.** Disponível em <http://www.educacional.com.br/reportagens/mulheres/esporte02.asp>.

FIFA  
<http://es.fifa.com/aboutfifa/footballdevelopment/technicalsupport/refereeing/mission.html>.

HEDDERGOT, Karl-Heinz. **Futbol: del aprendizaje a la competencia**. Editorial Kapelusz. Buenos Aires. 1973..

As pioneiras do futebol feminino.  
<http://teresacriscunha.blogspot.com.br/2009/06/primeiro-artigo-de-repercussao-nacional.html>.

As pioneiras do futebol feminino.  
<http://www.youtube.com/watch?v=XJwRlpfEae8#t=116>. Acessado em 18.11.2013.

<http://www.observatoriodegenero.gov.br/> . Acessado pela última vez em 25.11.2013.

**Um século de desafios.**  
[http://www.solbrilhando.com.br/Esportes/Olimpiadas/Mulheres\\_nas\\_O.htm](http://www.solbrilhando.com.br/Esportes/Olimpiadas/Mulheres_nas_O.htm).  
 Acessado pela última vez em 31.10.2013

**Lei 9.029/95.** Disponível em  
[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/l9029.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9029.htm)

**Lei 9.615/98.** Disponível em  
[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/l9615consol.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9615consol.htm).

LOPES, Otavio. **A questão da discriminação no trabalho.**

Menina que joga em time masculino de futebol de Uberlândia realiza sonho. **Globo Esporte.** <http://globoesporte.globo.com/mg/triangulo-mineiro/noticia/2013/03/menina-que-joga-em-time-masculino-de-futebol-de-uberlandia-realiza-sonho.html>

NASCIMENTO, Amauri Mascaro. **Curso de Direito do Trabalho: história e teoria geral do direito: relações individuais e coletivas do trabalho.** São Paulo: Saraiva, 2003, 18 ed. rev. e atual. p. 857-858.

Nova Enciclopédia Barsa, 1999 – Vols. 5 e 6.

O XX da Questão. **Folha de São Paulo.** Disponível em  
<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/esporte/fk1909200302.htm>.

OLIVEIRA, Gilberto; CHEREM, Eduardo H. L.; e, TUBINO, Manoel J. G. **A inserção histórica da mulher no esporte**. R. bras. Ci e Mov. 2008; 16(2): 117-125 Disponível em <http://portalrevistas.ucb.br/index.php/RBCM/article/viewFile/1133/884>. Acessado em 18.11.2013.

PESSIS, Anne-Marie; MARTÍN, Gabriela. **Marcadas a Ferro – violência contra a Mulher – uma visão multidisciplinar**. – artigo da pag. 17

PIAGET. 1932.

PROBST, Elisiana Renata. **A evolução da mulher no mercado de trabalho**. ICGP. Pg. 2. Disponível em <http://www.posuniasselvi.com.br/artigos/rev02-05.pdf>.

**Reglas del Juego.** FIFA. Disponível em [http://es.fifa.com/mm/document/footballdevelopment/refereeing/81/42/36/log2013es\\_spanish.pdf](http://es.fifa.com/mm/document/footballdevelopment/refereeing/81/42/36/log2013es_spanish.pdf).

**Regras do Jogo.** CBF. Disponível em <http://imagens.cbf.com.br/201211/361738111.pdf>.

RODRIGUES; DEVIDE. 2009.

SANTOS, Ricardo Pinto. **Uma história comparada entre o desenvolvimento do futebol no Rio de Janeiro e em Buenos Aires (1827-1924)**. UFRJ. Disponível em [dominiopublico.gov.br](http://dominiopublico.gov.br)

SENKEVIC, Adriano. **Um breve histórico da participação das mulheres nos Jogos Olímpicos.** Disponível em <http://ensaiosdegenero.wordpress.com/2012/07/31/um-historico-da-participacao-das-mulheres-nos-jogos-olimpicos/>, acessado em 18.11.2013.

**Sereias da Vila imploram ajuda a Neymar, Elano e Neto no Twitter.** Disponível em <http://extra.globo.com/esporte/sereias-da-vila-imploram-ajuda-neymar-elano-neto-no-twitter-3558634.html>.

SILVA, Lucilene Gomes. **Mulher – Esporte – Emancipação: Discurso de professores e acadêmicos do curso de educação física da UNIRG-TO**. 2008. Piracicapa-SP

TOSTÃO. Técnica, habilidade, criatividade. **Folha de São Paulo**, 2000.